



**Pegorino**

# Diario de Renzo Pegorino - 1930

Enquanto caminhava pelas ruas de Little Italy, o cheiro familiar de cigarro e óleo quente me envolvia, misturado à fumaça que pairava sobre os homens, que nunca falam mais do que o necessário. São apenas peças em um jogo, e peças não têm voz. Eles obedecem, não porque querem, mas porque não sabem o peso de questionar.

O sussurro do meu nome, "Don", ecoa baixinho, fazendo-me sentir vivo, mas, ao mesmo tempo, vazio. Como se eu fosse algo além de homem, algo mais do que carne e osso. Mas sou um homem, como qualquer outro, com a diferença de que entendo os homens. Compreendo os medos que os tornam mansos ou selvagens, suas fragilidades disfarçadas de força.

A América, em 1930, é um país de ilusões. O brilho dos carros e arranha-céus esconde corações podres, onde o verdadeiro poder se esconde em contratos e números. Eles acreditam que dominam o mundo, mas quem controla o dinheiro e as almas, esses sim, governam.

O silêncio me ensina mais do que palavras. É nele que aprendi a ouvir o que não é dito, a perceber intenções antes que se tornem ações. O homem que fala menos é o que mais sabe, e eu sou esse homem. Sou Renzo Pegorino, aquele que conhece todos os segredos do mundo. Todos, exceto um: por que, apesar de todo o poder, ainda me sinto tão sozinho? Será essa a minha punição? O preço de conhecer aquilo que os outros não podem ver?

Os outros farão o que precisam fazer, seguindo seu destino sem questionar. Eu, no entanto, farei o que deve ser feito, mesmo que o preço seja a minha própria alma.

## — Capítulo Um —

### Bellini Famiglia

Nova York, 1873. Os primeiros raios de sol filtravam-se por entre as janelas estreitas da pequena casa de dois cômodos no bairro de Five Points. O cheiro acre de carne crua e serragem úmida impregnava o ar, mesmo antes de Renzo Bellini abrir os olhos. Seu pai, Giuseppe Bellini, já estava de pé há horas, arrumando o avental de couro manchado enquanto preparava as ferramentas de corte para mais um dia no açougue.

Renzo detestava aquele lugar. O frio do inverno cortava a pele, e o cheiro de sangue parecia grudar em sua roupa, sua pele, até em seus sonhos. Ele tinha apenas 13 anos, mas já sabia que aquilo não era vida. Não para ele. Não para alguém com ambições como as dele.

— Renzo, levanta logo! — a voz rouca de Giuseppe ecoou pelo quarto. — Temos muito trabalho hoje.

Renzo resmungou, mas obedeceu. Não havia escolha. Ele colocou a camisa de algodão áspero e as calças que estavam ficando curtas. A pobreza era um fardo visível em cada remendo das roupas e nas solas gastas dos sapatos.

Na rua, os gritos dos vendedores ambulantes e o som de carroças passando pelas vielas de paralelepípedos enchiam o ar. Five Points era um lugar miserável, onde imigrantes italianos, irlandeses e judeus lutavam para sobreviver. O açougue Bellini era apenas mais um entre os pequenos comércios que se amontoavam ali, vendendo carne de segunda para uma clientela que mal podia pagar por ela.

Ao chegar ao açougue, Renzo começou sua rotina: limpar as facas, jogar serragem nova no chão para absorver o sangue e organizar os cortes de carne. O trabalho era pesado, e o cheiro de carne velha fazia seu estômago revirar. Ele olhava pela janela do pequeno estabelecimento, observando os homens que passavam na rua. Homens de terno, chapéus elegantes e sapatos brilhantes. Homens que pareciam donos do mundo.

Renzo imaginava-se no lugar deles, caminhando com a cabeça erguida, com respeito estampado nos olhares alheios. Mas aquele sonho parecia tão distante quanto os oceanos que sua família atravessara para chegar à América.

Pouco antes do meio-dia, a porta do açougue se abriu com um rangido. Dois homens entraram, vestidos de preto, com chapéus de feltro e bigodes bem aparados. Havia algo de intimidador neles. Renzo parou de limpar a bancada e observou de canto de olho enquanto os homens se aproximavam de Giuseppe.

— Bellini — disse um deles, com uma voz suave, mas carregada de autoridade. — Precisamos de um pequeno favor.

Giuseppe largou a faca que segurava e enxugou as mãos no avental, tentando parecer mais calmo do que realmente estava.

— Que tipo de favor? — perguntou ele, hesitante.

— Precisamos de um lugar para guardar uma coisa... algo que não pode ser visto por olhos curiosos.

O homem inclinou-se levemente, seu rosto ficando mais próximo de Giuseppe. Sua expressão era um misto de ameaça e cordialidade.

— Você nos deve, Bellini. Esqueceu do que fizemos por você quando chegou aqui?

Renzo, fingindo estar ocupado, observava a cena com atenção. Não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas sentia um nó no estômago ao ver o desconforto do pai.

— Não quero me meter em problemas — disse Giuseppe, nervoso.

— Não estamos pedindo. Estamos dizendo.

O segundo homem, que ainda não havia dito uma palavra, abriu o paletó, revelando a coronha de um revólver preso ao cinto. Giuseppe engoliu seco e assentiu.

— Está bem... está bem. Mas só desta vez.

Os homens sorriram, satisfeitos.

— Boa escolha, Bellini. Voltaremos em breve.

Quando saíram, Giuseppe respirou fundo e apoiou as mãos no balcão. Renzo, que não conseguia mais esconder sua curiosidade, aproximou-se.

— Papà, quem eram eles?

— Ninguém com quem você deva se preocupar.

— Pareciam importantes. E perigosos.

Giuseppe olhou para o filho e suspirou.

— O mundo é assim, Renzo. Alguns têm o poder, outros seguem ordens.

Renzo ficou em silêncio, mas aquelas palavras não o convenceram. Ele não queria seguir ordens a vida inteira. Não queria ser como o pai, dobrando-se a homens que usavam o medo como moeda.

Mais tarde, enquanto Giuseppe atendia os clientes, Renzo saiu para despejar um balde de restos no beco atrás do açougue. Ele olhou para os prédios altos de Manhattan ao longe e sentiu o coração bater mais rápido.

Ele sabia que a vida que levava não era a única possível. Dentro dele, algo queimava — uma ambição feroz, um desejo de ser mais do que o filho de um açougueiro pobre. Ele queria respeito. Queria riqueza. Queria ser o homem que os outros obedeciam, não aquele que obedecia.

Enquanto voltava para o açougue, Renzo passou por uma poça de água suja e viu seu reflexo. Por um momento, imaginou-se vestido com um terno sob medida, com um relógio de bolso de ouro e sapatos que brilhavam como espelhos.

Ele apertou os punhos. Um dia, pensou, seria como aqueles homens de terno que andavam pela rua. Um dia, o nome Bellini seria conhecido em toda Nova York.

Enquanto Renzo jogava os restos de carne no barril atrás do açougue, ouviu uma voz familiar chamá-lo:

— Renzo! Ei, Renzo!

Era Nico Conti, seu amigo de infância. Um garoto magro e de cabelos desgrehados, Nico estava sempre com um sorriso no rosto, mesmo vivendo na mesma miséria que Renzo. Ele segurava uma bola de pano improvisada e acenava animadamente.

— Vamos jogar na praça? Só por meia hora! — pediu Nico, com a voz cheia de entusiasmo.

Renzo hesitou. Olhou para o barril, depois para o amigo. Queria correr até a praça, esquecer o cheiro de sangue e serragem, sentir o vento frio no rosto enquanto chutava a bola. Mas o peso das contas, das preocupações do pai, e das facas que ele ainda precisava limpar o puxavam de volta para a realidade.

— Não posso, Nico. Tenho que ajudar meu pai. As coisas não estão fáceis.

— Mas você nunca tem tempo! — protestou Nico, com um tom quase acusador. — Um jogo rápido não vai te matar.

Renzo suspirou, sentindo o peso de sua escolha.

— Eu sei, Nico, mas as contas estão apertando em casa. Meu pai precisa de mim. Não tem o que eu possa fazer.

Nico balançou a cabeça, frustrado, mas não insistiu.

— Tudo bem, mas um dia você vai se cansar disso, Renzo. E quando cansar, eu estarei na praça.

Nico correu rua abaixo, deixando Renzo sozinho no beco. Ele voltou ao açougue, o coração pesado.

Quando entrou, encontrou Giuseppe sentado em um caixote atrás do balcão, apertando as têmporas com os dedos. Por um momento, o pai parecia mais velho do que realmente era, os ombros caídos sob o peso das responsabilidades.

— Papà, tudo bem? — perguntou Renzo, aproximando-se.

Giuseppe levantou a cabeça rapidamente, recompondo-se.

— Estou bem, figlio. Só pensando.

— Pensando no quê?

Giuseppe hesitou. Não queria sobrecarregar o filho com os problemas financeiros, mas sabia que Renzo não era bobo.

— No que sempre penso: nas contas, no futuro. — Ele tentou sorrir, mas o sorriso não chegou aos olhos. — Não se preocupe com isso. É coisa de adulto.

Renzo assentiu, mas sabia que o pai estava mentindo. Podia ver isso nos olhos dele, no jeito como esfregava as mãos com nervosismo.

— Vamos, volte ao trabalho. Ainda temos muito o que fazer.

O resto do dia foi uma rotina exaustiva. Clientes iam e vinham, comprando pequenos pedaços de carne. Alguns reclamavam dos preços, outros pagavam em moedas sujas e escassas. Renzo ficava no balcão, observando os homens que passavam na rua, sempre de olho nos clientes que pareciam perigosos.

A tarde trouxe mais visitas inesperadas. Um grupo de operários italianos entrou no açougue para comprar carne para a janta. Suas roupas estavam sujas de fuligem, e suas vozes eram altas e animadas. Renzo gostava desses momentos; eram quase uma distração da tensão que pairava sobre o lugar.

— Bellini, o que tem de bom hoje? — perguntou um deles, com um sorriso amigável.

— Só o que vocês podem pagar — respondeu Giuseppe, com um tom seco, mas não sem humor.

Os homens riram, e Renzo os ajudou a pesar a carne, sentindo-se momentaneamente parte de algo mais leve, quase normal.

Quando a noite caiu, Renzo e Giuseppe fecharam o açougue. A rua estava mais quieta agora, exceto pelos gritos distantes de uma briga em algum beco e pelo som de um piano tocando em um salão próximo.

Renzo carregava uma sacola com os restos de carne que haviam separado para o jantar. As ruas de Five Points eram escuras e perigosas, mas ele estava acostumado. Caminhava ao lado do pai, que mantinha uma expressão sombria, perdido em pensamentos.

— Papà, você acha que vai melhorar? — perguntou Renzo, quebrando o silêncio.

Giuseppe demorou a responder.

— Espero que sim, figlio. Temos que acreditar nisso.

Renzo não disse mais nada. Quando chegaram à pequena casa, a mãe de Renzo os recebeu com um sorriso cansado, mas caloroso. O cheiro de sopa rala preenchia o ambiente, e o estômago de Renzo roncava.

Eles jantaram em silêncio, como sempre, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Para Renzo, o jantar não era apenas uma refeição; era um lembrete da pobreza que ele queria superar.

Depois, deitado em sua cama estreita, ele olhou para o teto escuro e prometeu a si mesmo, mais uma vez, que um dia tudo seria diferente. Ele não sabia como, mas sabia que aquele futuro estava à sua espera, em algum lugar além das ruas apertadas de Five Points.

A casa estava escura, exceto pela luz trêmula de uma lamparina na cozinha. Renzo já havia se deitado, mas o sono parecia impossível naquela noite. Ele estava exausto, o corpo

pesado do dia de trabalho no açougue, mas sua mente continuava alerta, revivendo cada momento, cada detalhe das conversas que ouvira, cada olhar de preocupação de seu pai. Do quarto ao lado, ele ouviu o som abafado das vozes de seus pais. No início, era apenas um murmúrio, como tantas outras vezes, mas, em poucos minutos, as vozes aumentaram. Primeiro sua mãe, com aquele tom que ele conhecia bem: indignado, impaciente, cheio de frustração.

— Giuseppe! Eu te avisei que não era pra trazer isso pra cá! — A voz dela era alta, carregada de raiva e medo.

— Maria, baixa a voz! O menino vai ouvir! — respondeu Giuseppe, tentando conter a tensão.

Renzo ficou paralisado na cama. Ele sabia que não deveria escutar, mas a curiosidade o impediu de cobrir os ouvidos.

— Que se dane o menino ouvir! — retrucou Maria, furiosa. — Que exemplo você está dando pra ele? Armas, Giuseppe! E drogas! Dentro da nossa casa? Isso é uma loucura! Houve um som de algo sendo arrastado, talvez uma cadeira, seguido pela voz mais baixa, mas firme, de Giuseppe:

— Não tinha outro lugar, Maria. Você acha que eu queria isso? Você acha que eu trouxe porque quis?

— Então por que não disse não? — Maria desafiou. — Por que você sempre baixa a cabeça pra esses homens?

— Porque eles não pedem, Maria, eles mandam! — Giuseppe finalmente ergueu a voz, algo raro para ele. — Você sabe o que eles podem fazer se eu me recusar. Eles quebram o açougue, quebram a nossa vida.

— E você prefere arriscar a vida do nosso filho? A nossa? — A voz de Maria estava tremendo, mas não de medo, e sim de raiva.

O silêncio que se seguiu foi insuportável. Renzo podia ouvir a respiração pesada de ambos. Ele apertou os olhos, tentando entender o que estava acontecendo. "Armas? Drogas?" As palavras pareciam estranhas, perigosas. Ele sabia que o pai estava envolvido em algo que não entendia completamente, mas aquilo era diferente.

Finalmente, Giuseppe falou novamente, sua voz cansada, quase derrotada:

— Só por alguns dias, Maria. Eles disseram que viriam buscar logo. E depois disso... depois disso, eu dou um jeito.

— Um jeito? — Maria riu amargamente. — Você acha que isso vai acabar? Eles não vão parar, Giuseppe. Agora que sabem que você aceita, vão voltar. Sempre.

Outro silêncio. Renzo ouviu passos apressados pela casa, provavelmente de sua mãe.

— Eu não quero isso na minha casa, Giuseppe. Não vou dormir com essas coisas aqui. Se você não levar isso embora, eu levo!

Giuseppe não respondeu, e Renzo podia imaginar o pai esfregando o rosto com as mãos, algo que ele fazia quando estava encurralado.

— Eu dou um jeito, Maria. Amanhã cedo, eu dou um jeito.

— Melhor dar mesmo — respondeu Maria, antes de bater uma porta com força.

Renzo permaneceu imóvel, sua respiração superficial. Nunca tinha ouvido os pais discutirem assim antes. Ele sabia que as coisas não estavam fáceis, que as contas mal fechavam e que o açougue dependia de favores e concessões para se manter de pé. Mas aquilo... armas e drogas? Ele mal sabia o que isso significava, mas entendia o suficiente para sentir medo.

Seu pai sempre fora um homem simples, trabalhador, alguém que ele admirava apesar de tudo. Agora, pela primeira vez, Renzo sentiu algo diferente: um desconforto, uma dúvida que o fazia questionar tudo o que pensava sobre o homem que comandava o açougue.

Enquanto o silêncio voltava à casa, ele olhou para o teto escuro e fez mais uma promessa a si mesmo. Não deixaria que sua vida fosse definida por medo ou submissão. Um dia, ele seria grande. Não do tipo que abaixava a cabeça para os outros, mas do tipo que fazia os outros respeitarem e temerem seu nome.

E naquela noite, com a briga ainda ecoando em sua mente, Renzo Bellini adormeceu, sonhando com um futuro em que ele ditaria as regras.

A discussão entre Maria e Giuseppe crescia em intensidade, como uma tempestade. Os gritos ecoavam pela pequena casa, atravessando as paredes finas e alcançando os vizinhos.

— *Giuseppe, eu não vou viver assim! Não vou!* — Maria gritava, seu rosto vermelho de indignação.

— *Maria, você acha que eu quero isso? Eu fiz isso pra proteger a gente!*

— *Proteger? Você trouxe perigo pra dentro de casa! Pro nosso filho!*

Renzo, agora sentado na beira de sua cama, ouvia cada palavra. A tensão no peito era insuportável, o nó na garganta apertava mais a cada segundo. Ele queria correr até a cozinha e gritar para que parassem, mas o medo o mantinha imóvel.

De repente, ouviram batidas firmes na porta. Um silêncio curto se seguiu, quebrado pela voz do vizinho, seu tom irritado e carregado de sono.

— *Giuseppe! Dá pra ficar quieto aí? Tem gente tentando dormir! O que tá acontecendo, hein?*

Maria e Giuseppe pararam por um momento, trocando olhares tensos. Giuseppe começou a andar até a porta, mas Maria agarrou seu braço.

— *Você não vai abrir. Não enquanto essas coisas estiverem aqui.*

Giuseppe hesitou, então voltou a falar baixo com Maria, mas a discussão rapidamente reacendeu.

— *Eu vou resolver isso, Maria! Deixa comigo!*

— *Resolver? Você não consegue resolver nada! Você só piora as coisas!*

Lá fora, o vizinho, irritado, murmurou algo inaudível antes de voltar para seu apartamento, mas o som da briga continuava.

Pouco tempo depois, novas batidas na porta, mais fortes e com autoridade.

— *Aqui é a polícia! Abram a porta!* — a voz grave de um dos policiais ecoou pela casa.

Renzo sentiu o coração disparar. Ele pulou da cama, correndo até a entrada do corredor para ver o que estava acontecendo. Giuseppe ficou estático, sua expressão pálida e assustada.

— *Giuseppe, o que você vai fazer agora?* — sussurrou Maria, desesperada.

— *Eu não vou abrir. Não posso!*

O policial do lado de fora insistiu, agora com mais urgência.

— *Atenção! Vamos entrar se vocês não abrirem!*

Antes que pudessem decidir, a porta foi arrombada. Dois policiais entraram com armas em punho. Um deles gritou:

— *Mãos onde eu possa ver!*

Maria soltou um grito agudo, enquanto Giuseppe levantava as mãos lentamente. Na confusão, uma das caixas onde estavam as armas e drogas caiu no chão, espalhando o conteúdo. Renzo, que observava tudo de perto, viu os objetos e sentiu um frio intenso percorrer seu corpo.

— *O que é isso?* — perguntou o policial, agora apontando a arma diretamente para Giuseppe. — *Você tá lidando com contrabando?*

— *Não é o que parece!* — Giuseppe exclamou, suando frio. Ele olhou para Renzo, que estava paralisado, os olhos arregalados. — *Eu achei isso, senhor! Ia levar pra polícia amanhã de manhã, eu juro!*

O policial olhou para Giuseppe, depois para o menino, e balançou a cabeça, cético.

— *Achou? E por que tá aqui, na sua casa?*

Giuseppe abaixou as mãos devagar e deu um passo à frente, tentando explicar, sua voz trêmula.

— *Eu... eu não sabia o que fazer. Eles pediram pra guardar, mas eu ia devolver. Não sou criminoso, senhor. Só sou um açougueiro tentando sobreviver.*

O segundo policial, mais calmo, pôs a mão no ombro do colega e murmurou algo. Finalmente, o primeiro policial abaixou a arma, embora sua expressão permanecesse desconfiada.

— *Olha, Giuseppe, eu conheço você há anos. Não vou te levar preso porque sei que você não é desse tipo. Mas isso aqui... isso não é coisa de homem honesto.*

— *Eu sei, senhor. Só queria proteger minha família.*

— *Tá bom.* — O policial respirou fundo e se abaixou para pegar as armas e a droga. — *Vou levar isso pro batalhão e esquecer o que vi aqui. Mas da próxima vez, você não vai ter tanta sorte.*

Giuseppe apenas assentiu, a cabeça baixa. Os policiais saíram, deixando a porta aberta, como uma ferida exposta.

Renzo ainda estava parado, as pernas trêmulas. Ele olhou para o pai, que evitava seu olhar. Maria foi até a porta e a fechou com força, antes de encarar Giuseppe.

— *Tá vendo? É isso que você trouxe pra nossa casa! Humilhação!*

Giuseppe tentou falar, mas desistiu. Ele se sentou à mesa, esfregando as mãos no rosto. Renzo, ainda sem palavras, voltou para o quarto. Ele não conseguiu dormir naquela noite. Pela primeira vez, o menino sentiu vergonha de seu pai. Uma sensação amarga e pesada que ele nunca esqueceria.

Maria fechou a porta com um estrondo, o som ecoando pela pequena sala silenciosa. Giuseppe ainda estava sentado à mesa, imóvel, a cabeça baixa e as mãos pressionando o rosto. Maria, no entanto, não estava disposta a deixar o silêncio tomar conta.

Ela cruzou os braços e o encarou por alguns instantes, o olhar carregado de raiva e dor.

— *Giuseppe... olha pra mim.*

Ele não respondeu, não levantou a cabeça. Ela deu um passo à frente, agora com a voz firme, mas carregada de um tom que misturava mágoa e decepção.

— *Olha pra mim, homem!*

Finalmente, Giuseppe ergueu os olhos. Seus ombros estavam caídos, como se todo o peso do mundo tivesse sido colocado sobre eles. Maria, com um gesto rápido e discreto, apontou para o corredor, onde Renzo havia desaparecido minutos antes.

— *Ó a humilhação que você fez ele passar.* — Sua voz vacilava, mas não de fraqueza, e sim pela intensidade das emoções. — *Um menino de treze anos, Giuseppe! Treze! E ele viu tudo! Viu a polícia invadindo nossa casa. Viu arma e droga no chão. Viu o pai dele ser tratado como um criminoso.*

Giuseppe tentou responder, mas ela levantou a mão para interrompê-lo.

— *Não fala nada! Não fala nada porque, sabe de uma coisa? Não tem desculpa, Giuseppe. Não tem.*

Ela passou a mão pelos cabelos, tentando controlar a respiração acelerada. Seus olhos, agora brilhando com lágrimas não derramadas, voltaram a encontrar os dele.

— *Você acha que foi só ele que sentiu vergonha? Que foi só ele que ficou com medo? Eu também, Giuseppe. Eu fiquei ali, impotente, vendo aqueles homens entrando na nossa casa, apontando arma pra você. E sabe o que é pior? Eu não podia dizer nada porque... porque você trouxe isso pra cá.*

Giuseppe abriu a boca, mas a voz saiu fraca.

— *Maria, eu só... eu só queria proteger vocês.*



Ela soltou uma risada amarga, balançando a cabeça.

— *Proteger? Isso pra você é proteção? Trazer perigo pra dentro de casa? Fazer nosso filho ver o pai dele com aquelas coisas? Isso não é proteção, Giuseppe. Isso é humilhação. Isso é colocar uma cruz nas costas dele e minha.*

Ele abaixou a cabeça de novo, os dedos entrelaçados se apertando até os nós ficarem brancos. Maria se aproximou, mas sua postura não era de conforto; era de confronto.

— *Eu não vou deixar isso acontecer de novo. Não vou. Se esses homens vierem de novo pedir favores, você vai dizer não. Nem que a gente passe fome. Nem que a gente perca tudo. Porque eu prefiro isso a perder nossa dignidade.*

Giuseppe ergueu os olhos, a expressão derrotada, mas ainda cheia de resistência.

— *Maria, não é tão simples assim...*

— *Não é simples porque você faz parecer complicado!* — Ela interrompeu, a voz subindo de tom. — *Eles vêm aqui porque sabem que você é fraco, Giuseppe. Sabem que você não sabe dizer não.*

Houve um silêncio tenso entre eles, quebrado apenas pelo som de passos leves no corredor. Ambos se viraram para ver Renzo parado ali, hesitante, com os olhos arregalados. Ele tinha ouvido tudo.

Maria suspirou, a raiva dando lugar a uma tristeza profunda. Ela olhou para o marido mais uma vez, mas agora sua voz saiu baixa, quase um sussurro.

— *Ó o que você fez, Giuseppe. Olha nos olhos dele. Ele não é mais só um menino. Você tirou isso dele hoje.*

Giuseppe tentou falar algo, mas nenhuma palavra veio. Ele simplesmente ficou ali, olhando para o filho, enquanto Maria passava a mão pelo rosto e caminhava para o quarto, fechando a porta atrás de si.

Renzo permaneceu no corredor, imóvel, o peso da noite esmagando seus ombros ainda juvenis.

Renzo voltou para o colchão no canto do quarto, mas a escuridão ao seu redor parecia mais pesada do que nunca. Ele se deitou de lado, tentando encontrar uma posição confortável, mas o que quer que fosse que normalmente o embalava para o sono havia desaparecido.

As palavras de sua mãe ainda ecoavam na cabeça dele: *"Olha o que você fez, Giuseppe. Ele não é mais só um menino."*

Ele virou de um lado para o outro, o som abafado da conversa de seus pais no quarto ao lado já havia cessado. Agora, o silêncio da noite era quebrado apenas pelo barulho distante de carruagens passando pelas ruas e pelo som abafado do vento que balançava as janelas. Mas dentro dele, havia um barulho que não parava. Um medo crescente e inquieto que apertava seu peito e acelerava sua respiração.

Renzo fechou os olhos com força, mas, assim que o fazia, sua mente o transportava de volta à cena de horas atrás. Ele via o policial batendo à porta, os gritos do pai e da mãe, o brilho da arma na mão do homem fardado. Via seu pai parado no meio da sala, as mãos tremendo, enquanto a ponta do revólver parecia apontar direto para o coração dele.

Ele se sentou na cama de repente, o suor frio escorrendo pela testa.

*"E se o policial tivesse puxado o gatilho?"*

Essa pergunta ecoava como uma sentença em sua mente. Ele imaginava o pai caído no chão, o sangue escorrendo pelo piso de madeira desgastado da sala. Imaginava os gritos da mãe e sentia o vazio que aquilo deixaria.

A ideia de acordar e não ter o pai por perto o aterrorizava. Apesar das falhas de Giuseppe, apesar da humilhação daquela noite, Renzo ainda o via como o homem que sustentava a casa. O homem que carregava caixas de carne até tarde da noite. O homem que, mesmo

exausto, ainda lhe explicava como cortar um osso ou o levava para o açougue na madrugada fria.

Sem ele, o que seria deles? Como pagariam o aluguel? Como ele e sua mãe sobreviveriam naquela cidade cheia de perigos?

Renzo abraçou os próprios joelhos, puxando o cobertor fino até os ombros. O coração batia acelerado. Ele sabia que não deveria pensar nessas coisas, que deveria tentar dormir, mas não conseguia afastar o medo.

Por horas, ele ficou assim, sentado na cama, os olhos abertos encarando a escuridão. A noite parecia interminável, cada segundo um lembrete do que poderia ter acontecido.

Quando os primeiros raios de sol começaram a surgir pelas frestas da janela, Renzo ainda estava acordado. Seus olhos estavam vermelhos e ardiam, mas sua mente, apesar do cansaço, ainda corria.

Naquele momento, ele fez um juramento silencioso a si mesmo: um dia, ele seria grande. Forte o suficiente para proteger sua mãe e seu pai, poderoso o bastante para que ninguém ousasse apontar uma arma para a sua família. Ele se tornaria alguém que a cidade inteira respeitaria.

Mas, por enquanto, ele era apenas um menino sentado no colchão, com medo do futuro e de tudo o que ele poderia trazer.

## — Capítulo Dois —

### A Doce Terra de Ninguém

O sol já havia se erguido alto no céu, lançando sua luz pálida sobre as ruas agitadas de Nova York. O açougue estava repleto do cheiro de carne fresca e serragem espalhada pelo chão para absorver o sangue. Renzo estava atrás do balcão, reorganizando os cortes de carne que seu pai havia separado naquela manhã. Giuseppe, com o avental manchado e o rosto cansado, trabalhava no fundo, cortando um enorme pedaço de costela com movimentos firmes.

O lugar estava silencioso, exceto pelo som do serrote e dos cascos de cavalos passando lá fora. Era mais um dia comum — ou pelo menos parecia ser.

Giuseppe levantou os olhos rapidamente quando ouviu o som de rodas se aproximando. Ele se virou para a janela, limpando as mãos no avental. Um carro preto parou na frente do açougue, sua pintura brilhando sob o sol. Giuseppe ficou imóvel por um momento, sua expressão se transformando num misto de tensão e desespero.

— *Renzo*, — ele chamou, a voz mais grave que o normal.

O menino parou o que estava fazendo e olhou para o pai, estranhando o tom.

— *Vai lá pra trás. Agora.*

— *Mas, papà, eu tô...*

— *Vai!* — Giuseppe não gritou, mas o tom imperativo foi suficiente para fazer Renzo largar a faca com a qual cortava pequenos pedaços de carne.

Ele obedeceu, contrariado, caminhando para os fundos. No entanto, sua curiosidade não o deixou ir muito longe. Assim que chegou ao depósito, ele se escondeu atrás de um monte de caixas empilhadas, de onde conseguia observar o que acontecia na sala principal sem ser visto.

Do carro preto saíram dois homens que Renzo reconheceu imediatamente. Eram os mesmos da noite anterior. Porém, desta vez, havia mais alguém com eles. Um homem baixo, mas de postura rígida, com cabelos bem penteados e uma barba bem aparada. Ele usava um terno cinza impecável e carregava um chapéu na mão. Seus olhos pequenos, por trás de óculos redondos, vasculharam o ambiente como se estivesse inspecionando um território inimigo.

O trio entrou no açougue. O som da sineta da porta soou como um aviso de algo sombrio. Giuseppe, com as mãos trêmulas, se apressou em limpar a garganta e se aproximar do balcão.

— *Senhores, bom dia. Eu estava esperando por vocês.*

O homem de terno não respondeu de imediato. Ele tirou uma moeda do bolso e começou a girá-la entre os dedos enquanto andava lentamente pelo local, observando tudo.

— *Giuseppe*, — ele começou, com uma voz calma, quase gentil, mas carregada de algo ameaçador. — *Onde estão as minhas coisas?*

Giuseppe hesitou por um momento, limpando as mãos no avental novamente.

— *Estão... estão guardadas. Eu ia... eu ia entregar hoje mesmo.*

O homem parou de andar e virou-se para Giuseppe, inclinando ligeiramente a cabeça.

— *Guardadas, é?*

— *Sim, senhor. Guardadas.*

O homem soltou uma risada curta, mas sem humor. Ele tirou os óculos, limpando as lentes com um lenço branco.

— *Você acha que eu sou burro, Giuseppe? Hein? Você acha que eu não sei que a polícia esteve aqui ontem à noite?*

Giuseppe empalideceu.

— *Senhor, eu...*

— *Cala a boca!* — O homem interrompeu, sua voz cortando o ar como uma faca. Ele deu um passo à frente, agora cara a cara com Giuseppe. — *Você perdeu minhas coisas, seu merda. Perdeu pra polícia. E agora quer me dizer que elas estão guardadas? Você tá me chamando de idiota?*

Giuseppe tentou falar algo, mas o homem não deu tempo. Ele ergueu a mão e deu um tapa forte no rosto de Giuseppe, o som ecoando pelo açougue.

Renzo, escondido, sentiu o coração disparar. Ele mordeu os lábios para não fazer barulho. Ver o pai sendo tratado daquela maneira era algo que ele nunca imaginou.

O homem não parou. Ele empurrou Giuseppe contra o balcão, segurando-o pela gola do avental.

— *Você sabe quanto valiam aquelas armas? Aquela mercadoria?* — Ele puxou Giuseppe mais perto. — *Mais do que sua vida inteira, Giuseppe. Muito mais.*

Os outros dois homens observavam em silêncio, com sorrisos maliciosos nos rostos.

Giuseppe, com a voz fraca, tentou se defender.

— *Senhor, eu vou... eu vou compensar. Eu dou um jeito.*

O homem deu uma risada fria e o soltou, empurrando-o para longe.

— *Compensar? Com o quê, Giuseppe? Com essas carnes velhas que você vende aqui? Você acha que eu preciso disso?*

Giuseppe caiu de joelhos, o olhar desesperado.

— *Por favor... eu só preciso de um pouco de tempo.*

O homem ajustou o terno e olhou para os dois comparsas.

— *Vocês estão ouvindo isso? Ele precisa de tempo.*

Os dois riram baixo.

Renzo, escondido, sentia o estômago revirar. Cada golpe, cada insulto, parecia atingir a ele também. Ele queria sair de onde estava, gritar, fazer algo... mas não conseguia. Ele só podia observar enquanto o pai dele era humilhado diante de seus olhos.

O homem pegou o chapéu e começou a andar em direção à porta.

— *Você tem uma semana, Giuseppe. Uma semana. Se não aparecer com o meu dinheiro... ou algo que valha mais do que minha paciência... eu volto. E da próxima vez, eu não vou bater só na sua cara.*

Ele deu um último olhar para Giuseppe, que ainda estava no chão, e saiu, seguido pelos dois comparsas. A sineta da porta tocou novamente, e o silêncio voltou ao açougue.

Renzo saiu do esconderijo assim que teve certeza de que eles haviam ido embora. Ele correu até o pai, que ainda estava no chão, e o ajudou a se levantar.

Giuseppe olhou para o filho, os olhos cheios de vergonha, mas não disse nada. Renzo, por outro lado, tinha algo em mente: ele nunca mais esqueceria aquela cena.

O restante do dia no açougue passou como uma névoa pesada, carregada pelo silêncio entre pai e filho. Giuseppe voltou ao trabalho com movimentos automáticos, cortando carne e atendendo os poucos clientes que apareceram, mas Renzo percebia que os olhos do pai estavam distantes, quase como se ele não estivesse ali. Renzo tentou se concentrar em sua própria tarefa, reorganizando os ganchos e limpando o balcão, mas a cena daquela manhã continuava a martelar sua mente.

Finalmente, quando o sol começou a mergulhar atrás dos edifícios e a luz dourada deu lugar às sombras azuladas da noite, Giuseppe lavou as mãos e limpou o avental. Ele fechou a loja em silêncio, trancando a porta com um suspiro pesado.

— *Vamos pra casa, filho,* — disse ele, com um tom mais baixo que o usual.

Os dois caminharam lado a lado pelas ruas movimentadas de Nova York, onde as vozes dos vendedores ambulantes e o som das rodas dos carros sobre os paralelepípedos enchiam o ar. Renzo mantinha a cabeça baixa, seus pés chutando pequenas pedras no caminho, mas seus olhos sempre iam de encontro ao pai. Giuseppe tentava parecer firme, mas Renzo percebia cada detalhe: os ombros caídos, os passos mais pesados, a respiração profunda, como se ele estivesse carregando o peso do mundo nas costas.

Depois de alguns minutos de silêncio, Giuseppe tentou quebrar o clima.

— *Você viu aquela senhora hoje de manhã? A que comprou a perna de cordeiro?* — perguntou ele, forçando um sorriso enquanto olhava para Renzo. — *Ela disse que a última que comprou estava tão macia que o marido dela quase chorou. Você acredita nisso? Um homem chorar por causa de um cordeiro?*

Renzo deu um pequeno sorriso, mas ele sabia que o pai estava tentando disfarçar.

— *É... engraçado, papà,* — respondeu ele, sua voz baixa, enquanto olhava para o chão.

Giuseppe soltou uma risada, mas era um som vazio, sem vida. Ele olhou para o filho por um momento e tentou outro comentário.

— *Sabe o que eu acho? Amanhã você devia vender o próximo cordeiro. Apresentar como se fosse o rei dos cordeiros. Você ia fazer uma fortuna, garoto. Eu acho que você tem jeito pra isso.*

Renzo ergueu os olhos, tentando esboçar outro sorriso.

— *Talvez... talvez sim, papà.*

Giuseppe riu novamente, mas rapidamente desviou o rosto, olhando para o lado. Renzo percebeu que o pai estava escondendo algo, e quando Giuseppe virou o rosto mais uma vez, Renzo viu as lágrimas nos cantos dos olhos dele, brilhando sob a luz fraca dos lampiões. Giuseppe respirou fundo, engolindo o nó na garganta, mas não conseguiu segurar.

Renzo fingiu não perceber, mas ele enxergava tudo. Ele via o pai disfarçar, limpar os olhos com a manga do casaco, olhar para o chão ou para o outro lado, tudo para evitar que o filho percebesse o quanto ele estava sofrendo.

— *Você tá bem, papà?* — perguntou Renzo, mesmo sabendo a resposta.

Giuseppe parou por um instante, apertando os lábios e esfregando a nuca.

— *Tô bem, filho. Só um pouco cansado, sabe? Hoje foi um dia longo... Mas amanhã é um novo dia, né? Vamos dar conta de tudo.*

Renzo assentiu, fingindo acreditar, e apertou o passo ao lado do pai.

Quando chegaram na porta da pequena casa, Giuseppe colocou a mão no ombro do filho, apertando de leve.

— *Vai lá pra dentro, Renzo. Toma alguma coisa quente e se deita. Amanhã a gente começa de novo.*

Renzo olhou para o pai por um momento, enxergando claramente a tristeza nos olhos dele, mesmo por trás do sorriso forçado. Ele deu um pequeno sorriso em resposta, um sorriso fingido, só para tentar fazer o pai se sentir melhor.

— *Tá bom, papà. Boa noite.*

Enquanto Renzo entrava em casa, ele ouviu o pai suspirar fundo antes de fechar a porta. Renzo foi para o quarto, mas demorou a se deitar. Ele ficou na janela por um tempo, observando Giuseppe sentado nos degraus da entrada, com as mãos no rosto, olhando para o chão, como se procurasse respostas que não existiam.

Renzo continuava na janela, a cabeça encostada no batente, observando o pai sentado nos degraus da entrada. A luz fraca de um lampião próximo projetava uma sombra longa e pesada de Giuseppe, que parecia ainda menor do que realmente era, como se o peso do mundo estivesse o esmagando.

Giuseppe olhava fixamente para o chão, as mãos entrelaçadas e os cotovelos apoiados nos joelhos. Depois de um tempo, ele deslizou dos degraus e se ajoelhou, suas mãos agora juntas, em uma prece silenciosa. Renzo nunca tinha visto o pai rezar antes. *Será que ele está pedindo perdão? Pedindo ajuda?* A mente de Renzo corria em círculos enquanto tentava entender o que acontecia.

O silêncio foi quebrado pelo som de passos leves na escada. Sua mãe, Maria, apareceu na entrada da casa, com um xale jogado sobre os ombros. Ela parou ao ver Giuseppe ajoelhado, mas não disse nada de imediato. Ficou ali, olhando para ele, como se tentasse reunir forças para falar.

Renzo observava tudo pela janela, as mãos tremendo ao segurar o batente. Ele não conseguia ouvir o que sua mãe dizia, mas via os gestos. Ela se aproximou lentamente, os lábios se movendo em palavras calmas e firmes, enquanto Giuseppe balançava a cabeça, como se estivesse se justificando.

Maria se ajoelhou ao lado dele, colocando a mão no ombro do marido. Giuseppe virou o rosto, tentando esconder a expressão de dor, mas Maria segurou o queixo dele, forçando-o a olhar para ela. Eles trocaram mais algumas palavras, e Maria balançou a cabeça, puxando-o para um abraço firme.

Foi aí que Renzo viu algo que nunca tinha presenciado antes: o pai desmoronar. Giuseppe enterrou o rosto no ombro de Maria e começou a chorar. Não era um choro silencioso, mas soluços profundos, carregados de dor e desespero. Maria apertava o marido contra si, sussurrando algo que Renzo não conseguia ouvir, enquanto acariciava os cabelos dele. Renzo sentiu um aperto no peito, como se ele também estivesse sufocando. Ele nunca tinha visto o pai dessa forma. Giuseppe sempre fora a figura forte, o homem que enfrentava tudo de cabeça erguida. Ver aquele homem quebrado era como assistir a um pilar desmoronar.

Ele recuou da janela, sentando-se no chão do quarto, as costas contra a parede. Seus olhos estavam marejados, mas ele não chorou. Não sabia como processar o que acabara de ver. Uma sensação de impotência tomou conta dele, um sentimento esmagador de que sua família estava afundando, e ele era apenas um garoto, incapaz de fazer qualquer coisa para mudar isso.

Renzo passou o resto da noite sentado no chão, olhando para a porta fechada. O som abafado do choro do pai e dos murmúrios da mãe ainda ecoavam em sua cabeça. Ele tentou afastar aqueles pensamentos, mas não conseguiu.

Quando finalmente se deitou, o sono não veio. Ele ficou olhando para o teto, com a mente cheia de perguntas que ninguém parecia ter as respostas. *O que vai acontecer agora? Como vamos sair dessa? E se aqueles homens voltarem? E se papà não conseguir se levantar amanhã?*

Renzo sentiu o coração apertar, e pela primeira vez na vida, desejou ser maior, mais forte, capaz de proteger o pai e a mãe de todo o mal que parecia rondar a família. Mas, por enquanto, tudo o que ele podia fazer era ficar ali, perdido em seus pensamentos, enquanto a noite lentamente passava.

# A Vingança é um prato que se come quente

Na manhã seguinte, a luz do sol já estava alta no céu quando Renzo finalmente abriu os olhos. Ele olhou ao redor, confuso. Não entendia por que o pai não o acordara mais cedo, como sempre fazia. O cheiro de café fraco vinha da cozinha, mas a casa estava estranhamente quieta. Ele se levantou rapidamente, vestindo sua roupa simples e remendada, e foi direto para o quarto dos pais.

Giuseppe estava deitado na cama, coberto por um cobertor que parecia pesado demais para a temperatura do dia. O rosto dele estava pálido, a respiração lenta e cansada. Ao lado da cama, Maria ajeitava um pano úmido na testa do marido.

— Mamãe, o que aconteceu com papá? — Renzo perguntou, a voz carregada de preocupação.

Maria suspirou, olhando para o filho com um sorriso cansado, mas tentando não alarmá-lo.

— Foi a chuva de ontem à noite, figlio. Ele ficou lá fora por muito tempo e acabou pegando um resfriado forte. Nada grave. Ele só precisa descansar hoje.

Renzo franziu o cenho, ainda preocupado.

— Mas e o açougue? Quem vai cuidar?

Maria hesitou. Sabia o quanto o sustento da família dependia daquele pequeno negócio. O açougue não podia ficar fechado nem por um dia. Mas, ao olhar para Giuseppe, claramente incapaz de se levantar, não viu outra solução.

— Não tem quem cuidar, Renzo... — Ela o olhou nos olhos, avaliando. — Você acha que consegue dar conta sozinho?

Ele engoliu em seco. As mãos pequenas e calejadas apertaram os punhos da camisa. Ele era apenas um garoto, mas sabia que não tinha escolha.

— Acho que consigo, mamãe. Vou dar conta.

Maria suspirou, ajeitando os cabelos para trás. Antes de deixá-lo sair, segurou os ombros dele com firmeza.

— Renzo, me escute. Se aqueles homens... — ela hesitou, como se a própria menção deles fosse perigosa — ...se aqueles homens de preto aparecerem, você se esconde. Fecha o açougue, sai pelos fundos, o que for. Mas não deixe que eles entrem, entendeu?

Renzo assentiu com seriedade.

— Tá bom, mamãe. Não vou deixar eles entrarem.

Maria o puxou para um abraço rápido antes de deixá-lo ir.

— Vai, meu filho. Seja forte.

Pouco tempo depois, Renzo estava no açougue, lutando para abrir a pesada porta de madeira sozinho. O cheiro do lugar era familiar — sangue seco, carne fresca e o aroma ferroso que já não incomodava mais. Ele acendeu as lâmpadas e ajeitou os balcões, tentando imitar os gestos do pai. Era uma tarefa intimidadora, mas Renzo mantinha a cabeça erguida.

Logo, os primeiros clientes começaram a aparecer — donas de casa italianas com lenços na cabeça, homens do bairro procurando carne para a sopa do dia. Renzo atendia a todos com um sorriso educado, mesmo que o nervosismo apertasse seu peito.

As horas passaram, e ele começou a se sentir mais confiante. Ele cortava os pedaços de carne com cuidado, pesava no balcão, entregava o troco. As moedas tilintavam na gaveta da caixa registradora, e cada som parecia uma pequena vitória.

Por volta do meio-dia, o movimento diminuiu. Renzo estava atrás do balcão, limpando uma faca com um pano, quando ouviu o barulho distinto de rodas de carro no paralelepípedo. Ele congelou. O coração disparou no peito.

Renzo estava atrás do balcão, observando através da janela de vidro embaçada. O carro preto estava estacionado em frente ao açougue, e, dessa vez, os homens não saíam. Ele sentiu o peso do medo apertando seu peito. Eles estavam ali por um motivo, e ele sabia exatamente o que queriam. Mas o que ele podia fazer? Ele tinha apenas 13 anos, mas algo dentro de si o dizia que ele não podia se esconder dessa vez. Não podia esperar que seu pai fizesse tudo.

Renzo respirou fundo e, com o coração acelerado, decidiu que, se os homens entrassem, ele tentaria negociar ou, ao menos, intimidá-los. Ele não era mais uma criança, não mais diante daquelas ameaças. Ele não sabia o que seria mais arriscado: enfrentá-los ou permitir que continuassem com aquela pressão sobre sua família.

Mas antes que ele pudesse se mover, a porta do açougue se abriu. Os homens entraram, com os passos pesados e olhar fixo.

— Onde está teu pai? — perguntou um deles, o mais alto, com uma voz grave e implacável. Renzo, tentando disfarçar seu nervosismo, levantou os olhos para os dois homens à sua frente.

— Ele... ele está doente — Renzo disse, tentando manter a voz firme.

O homem olhou para ele com um sorriso cínico.

— Seu pai está devendo um grande dinheiro pra gente, viu? Então é melhor avisar ele. Se não entregar até amanhã, a gente vai fazer coisas bem ruins com ele e com sua mãe, entende?

Renzo sentiu a raiva fervendo dentro dele, mas permaneceu em silêncio, pensando em como reagir. O que ele poderia fazer? Apenas ficar parado ali, esperando que as coisas piorassem?

Antes que ele pudesse decidir, a porta do açougue se abriu novamente. Era Maria, sua mãe, com um prato de comida nas mãos. Ela tinha preparado o prato favorito de Renzo, uma típica refeição italiana, e havia ido até o açougue para entregar ao filho.

Ela congelou ao ver os homens ali, seu rosto imediatamente se transformando em uma máscara de pânico. Renzo olhou para ela, sem entender completamente sua expressão. A mãe dele, ao perceber o que estava acontecendo, tentou manter a calma, mas não conseguiu.

— O que vocês estão fazendo aqui? — ela gritou, avançando com o prato nas mãos. — O que querem com meu marido? Estão acabando com a nossa vida!

Os homens não se moveram, mantendo a postura fria e ameaçadora.

— Você sabe o que queremos — disse o mais alto, com um sorriso malicioso. — Se o Giuseppe não pagar a dívida até amanhã, vamos fazer com que ele se arrependa.

Maria se aproximou mais, os olhos lacrimejando de raiva.

— Vocês são uns bandidos! Uns criminosos! — ela gritava, a voz carregada de frustração.

— Estão arruinando a nossa vida, a vida do meu filho! Tomara que morram! Que vão para o inferno!

A tensão no ar estava palpável. Renzo, de pé atrás do balcão, olhava tudo com os olhos arregalados. Tentava entender o que estava acontecendo, mas a violência e as palavras pesadas estavam além do que ele imaginava.

De repente, um dos homens se aproximou de Maria e, sem hesitar, deu um tapa forte em seu rosto. O som do impacto foi alto, e o prato que ela carregava caiu no chão, espalhando



comida e quebrando. Maria se agarrou ao rosto, que agora estava vermelho e inchado. O sangue do golpe era visível na marca da palma do homem em sua pele.

Renzo, em estado de choque, olhou para a mãe, que se curvava com a dor, e algo dentro dele rompeu. Ele avançou, sem pensar, e tentou partir para cima do homem que tinha dado o tapa.

Mas, antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, o homem mais forte empurrou Renzo para o chão com um único movimento, o garoto caindo pesadamente no piso de madeira. — Esse foi o último aviso, hein? — disse o homem, a voz fria e ameaçadora. — O próximo não será tão fácil.

Renzo ficou ali, deitado no chão, sentindo a dor da queda, mas principalmente a dor dentro de seu peito. O medo e a raiva se misturavam. Ele tentava se levantar, mas o golpe o havia deixado sem forças. A imagem da mãe, tocando o rosto machucado, ficou gravada em sua mente. E aquela sensação de impotência só fazia as lágrimas se acumularem atrás dos seus olhos.

Os homens saíram sem dizer mais nada, deixando Renzo e sua mãe sozinhos no meio da bagunça, com a comida espalhada e o silêncio ensurdecedor se instalando.

O resto do dia foi um borrão para Renzo. Ele não conseguia parar de pensar no que havia acontecido com sua mãe e o que os homens haviam dito. Cada vez que a porta do açougue se abria, ele ficava tenso, os olhos atentos, esperando ver os mesmos carros pretos ou os mesmos homens de terno, mas não apareciam. Ainda assim, o medo o acompanhava, como uma sombra que o perseguia por cada canto do lugar.

Um cliente entrou pela porta, um homem de meia-idade, com uma expressão amigável, mas os olhos desconfiados, como se estivesse ali para ver se Renzo sabia o que estava fazendo. O homem se aproximou do balcão com um sorriso forçado, como se tentasse disfarçar a tensão.

— Então, o menino está tomando conta disso sozinho, é? — disse o cliente, olhando para Renzo com uma risada nervosa. — Seu pai não tem mesmo jeito de parar de trabalhar?

Renzo não respondeu de imediato. A voz do homem o parecia distante, como se tudo ao redor estivesse em um turbilhão. Ele estava com os nervos à flor da pele, e a preocupação com sua mãe e pai ainda estava estampada em seu rosto.

— O que você quer? — Renzo perguntou de forma seca, tentando se concentrar no trabalho e não nas lembranças daquilo que tinha acabado de acontecer.

O homem, aparentemente, não percebeu a frieza nas palavras do garoto e começou a brincar.

— Ah, só não me diga que você já tem seu próprio jeitinho de cortar a carne, hein? Eu queria um pedaço bem grosso, pra fazer aquele prato de carne assada, você sabe como é, né?

Renzo pegou a faca e começou a cortar o pedaço de carne com precisão, mas sem pressa, tentando manter a calma, embora seu corpo estivesse tenso e sua mente correndo. O cliente ficou em silêncio, notando a tensão no ar, mas não disse nada. Quando o pedaço de carne ficou pronto, Renzo o colocou no balcão e o entregou.

— Isso, obrigado. — O homem pegou a carne e, antes de sair, ainda fez questão de lançar um sorriso amigável, mas Renzo percebeu que ele sabia que algo estava errado. Ele apenas assentiu com a cabeça.

Mas logo, outro cliente entrou, e Renzo já sabia o que vinha pela frente. Este era conhecido por tentar dar calote. Ele parecia ter um jeito desonesto, sempre tentando levar algo sem pagar o valor correto. O homem se aproximou do balcão, com um sorriso largo no rosto.

— Oi, garoto. Hoje vou levar um bom pedaço de carne. Não pode ser fiado?

Renzo o olhou com frieza, sentindo o olhar do cliente se demorando em sua expressão. O medo ainda pairava sobre ele, mas ele não ia deixar isso passar.

— Não, não tem fiado — respondeu, sem mudar de tom. Sua voz saiu mais dura do que ele pretendia, mas não se importava. Não podia mais confiar nas pessoas como antes.

O cliente franziu o cenho, irritado.

— Ah, mas você não sabe com quem está falando, hein? — O homem se inclinou sobre o balcão. — Vai se arrepender de não me dar fiado, garoto. Vai ver só.

Renzo o encarou diretamente, sem esboçar um sorriso. Ele sentiu um peso nas palavras do homem, mas sabia que não podia se deixar intimidar. O homem desistiu, resmungando, e pagou com raiva antes de sair.

O dia parecia não ter fim, e cada movimento de Renzo estava marcado pelo medo que ele tentava esconder. A cada cliente, ele tentava manter a postura, como se nada tivesse acontecido, mas o buraco em seu estômago, o nó na garganta, o faziam perceber que a vida deles estava em jogo. Ele sabia que sua mãe e seu pai estavam em perigo, e ele não podia fazer nada.

No final da tarde, outro cliente entrou. Este parecia mais tranquilo, sem grandes intenções. Renzo tentou se concentrar, oferecendo-lhe o atendimento habitual, mas ainda assim, cada vez que um carro preto passava pela rua ou alguém vestido de terno se aproximava, ele sentia a respiração acelerar. Ele não conseguia tirar os homens e as ameaças da cabeça.

A cada passo, ele lembrava das palavras ameaçadoras que os homens haviam dito. E a cada novo cliente, ele se perguntava se teria a coragem de enfrentar aquilo tudo novamente se eles voltassem. Ele estava apenas tentando manter a fachada de normalidade, mas seu corpo, sua mente, estavam exaustos com o peso do medo.

Quando o último cliente saiu, Renzo se recostou atrás do balcão, olhando pela janela para a rua vazia. Ele sabia que aquela paz temporária não duraria. Os homens voltariam. Eles sempre voltavam. E da próxima vez, talvez fosse tarde demais para fazer algo.

Enquanto ele fechava o açougue, o medo não o deixava. Ele só queria um fim para tudo aquilo, mas não sabia como impedir o que parecia inevitável.

A noite chegou e Renzo estava sentado à mesa, olhando para o prato, mas sem conseguir focar no que estava diante dele. A comida parecia sem gosto, sem cor, como tudo ao seu redor. O dia havia sido uma sequência de acontecimentos que o deixaram esgotado, o medo e a tensão com os homens de preto ainda presentes em seus pensamentos. Mas, naquela noite, havia algo diferente. O pai dele estava visivelmente pior.

Giuseppe estava sentado na cadeira, sua pele pálida e suada. O rosto estava marcado por uma expressão de dor constante. Ele tentava, a todo custo, manter o semblante erguido, mas os olhos injetados de sangue e a respiração difícil não podiam esconder o quanto ele estava sofrendo. As mãos tremiam enquanto ele segurava o garfo, e a respiração áspera de cada palavra que ele tentava dizer ecoava pela sala. Mesmo sentado, ele parecia fraco, como se mal conseguisse manter-se ereto.

Maria, sua esposa, o observava com preocupação, mas tentava esconder a dor que sentia. Ela falava alegremente, tentando distrair Renzo, manter o semblante animado para aliviar o filho, mesmo sabendo que as coisas estavam cada vez mais difíceis.

— Então, Renzo, como foi o seu dia hoje? — perguntou Maria, tentando sorrir. — Tudo correu bem no açougue?

Renzo olhou para ela, forçando um sorriso. Não queria preocupar sua mãe, mas o peso do dia o consumia. Ele não sabia como esconder o que estava sentindo.

— Sim, mãe, foi... foi tudo bem. — Ele pegou um pedaço de pão, cortando-o lentamente.

— Acho que vou dar conta de tudo, não é?

Maria sorriu mais, tentando manter o clima leve, mas o olhar de preocupação em seus olhos não podia ser disfarçado. Ela olhou para Giuseppe, que estava mais encurvado, tentando comer com dificuldade.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. O papai vai melhorar, você vai ver.

Mas, antes que qualquer um pudesse continuar, o som de uma batida na porta interrompeu o momento. A tensão no ar aumentou instantaneamente, como se algo estivesse prestes a romper a frágil calma. Renzo ficou congelado, seu estômago apertado. Ele olhou para a mãe, que estava visivelmente nervosa.

— Quem será a essa hora? — Maria perguntou, mas sua voz tremia.

Ela se levantou e foi até a porta. Renzo observou, um pressentimento ruim tomando conta dele. Quando a porta se abriu, um homem apareceu na entrada. Renzo olhou para ele, o coração batendo mais forte. Era o mesmo homem que havia ido ao açougue. Agora, Renzo conseguia perceber com mais clareza que ele estava vestido com um terno preto, com um sorriso suave, mas algo no olhar dele o fazia parecer como se estivesse manipulando cada palavra.

O homem entrou sem pedir permissão, como se já fosse esperado, e seu semblante foi logo tomando conta do ambiente. Ele se dirigiu diretamente a Giuseppe, que ainda estava sentado à mesa, sem forças para se levantar.

— Boa noite, Giuseppe — disse o homem, com uma voz suave e calma, mas havia algo frio em suas palavras. — Como vai?

Giuseppe respirou fundo, tentando não demonstrar o cansaço e a dor que o consumiam. Ele forçou um sorriso.

— Eu... eu não estou bem, você sabe... — Giuseppe tentou se ajeitar, mas sua voz estava fraca.

Maria, sem conseguir conter sua apreensão, interveio imediatamente.

— Meu marido está doente, está doente! Você não está vendo isso? Ele não está em condições de conversar com você agora, está morrendo, por causa de tudo isso!

O homem parecia não se importar com o estado de Giuseppe. Ele apenas manteve o sorriso, mas seus olhos estavam gélidos.

— Eu entendo, senhora Maria. Mas a dívida... a dívida não se importa com o estado de saúde de ninguém, sabe? Seu marido ainda tem uma dívida a pagar, e precisamos disso... precisamos disso agora.

Renzo observava em silêncio, sentindo um nó apertando sua garganta. Ele não entendia totalmente o que estava acontecendo, mas sabia que havia algo de muito errado. Seu pai estava doente, e aqueles homens pareciam não se importar. A tensão se acumulava, e ele sentia que o ar na sala ficava mais pesado a cada palavra trocada.

Giuseppe tentou falar, mas a voz dele soava quase inaudível.

— Eu... eu não tenho o dinheiro. Não posso pagar agora. Eu estou tentando, mas não consigo... — disse Giuseppe, a respiração ofegante, como se cada palavra fosse um esforço doloroso.

O homem olhou fixamente para ele, e Renzo sentiu a atmosfera mudar. O sorriso do homem desapareceu por um momento, dando lugar a um olhar mais sério, mais ameaçador.

— Você não tem mais tempo, Giuseppe. O prazo acabou. Eu já te avisei. A dívida precisa ser quitada agora. Se não for... — Ele pausou, fazendo um gesto largo com a mão. — Se não for, eu não sei o que vai acontecer.

A tensão na sala cresceu ainda mais, e Maria, desesperada, começou a gritar.

— Você não está vendo o que está acontecendo com o meu marido? Ele está morrendo, morrendo! O que mais você quer de nós? Por favor, nos deixe em paz!

O homem a olhou com frieza, mas não parecia se importar com o sofrimento deles. Ele deu um passo à frente, mantendo-se calmo, mas sua voz agora soava com um tom ameaçador.

— Você não vai pagar a dívida? — ele perguntou, quase sussurrando, mas com um tom de ameaça velada. — Então, o veredito foi dado.

Ele se virou para a porta, e antes de sair, olhou para Renzo, que estava em silêncio, com os olhos arregalados de medo.

— Até amanhã, Giuseppe. Até amanhã. — E com isso, o homem saiu pela porta, deixando para trás o cheiro da ameaça, ainda pairando no ar.

Renzo permaneceu em pé, imóvel, sem conseguir processar completamente o que acabara de acontecer. Sua mãe estava chorando, e seu pai, já tão fraco, parecia derrotado. Ele não sabia o que viria a seguir, mas algo lhe dizia que as palavras do homem eram mais do que apenas uma ameaça. E que, no dia seguinte, as consequências poderiam ser ainda mais graves.

A noite avançava, e o silêncio no pequeno apartamento parecia mais pesado a cada minuto. Giuseppe insistia que não havia razão para se preocupar. Ele parecia determinado a acreditar que tudo ficaria bem, que a dívida seria resolvida de alguma maneira. Mas Maria não conseguia se acalmar. O medo a consumia, e ela não podia mais suportar o peso da incerteza.

— Giuseppe, por favor, precisamos fugir, fugir para algum lugar longe — ela implorou, segurando a mão do marido com força. — Vamos começar de novo, viver longe disso, longe de tudo isso. Se eles descobrirem onde estamos, vai ser o fim de nós!

Giuseppe, exausto e doente, apenas respirou fundo, tentando dar algum tipo de consolo à esposa.

— Vamos deixar isso para amanhã, Maria. Nada vai acontecer, eu tenho fé. Vamos dormir. Vai ficar tudo bem.

Maria olhou para ele, desesperada, mas não argumentou mais. Ela sabia que seu marido não estava em condição de pensar com clareza, mas a verdade era que ela sentia que algo terrível estava prestes a acontecer. Ela se levantou lentamente e foi até o quarto de Renzo, verificando se ele estava dormindo.

— Renzo? — ela sussurrou, entrando no quarto do filho. Ele estava deitado de costas, os olhos fechados, mas o semblante dele não parecia tranquilo. Ela tocou sua testa para ver se estava quente, mas Renzo apenas respirou fundo e fingiu estar dormindo. Maria permaneceu por alguns segundos, observando-o, antes de sair silenciosamente do quarto. E assim, a noite seguiu lentamente, mas o pressentimento de Maria só aumentava. De minuto em minuto, ela ia até o quarto do filho para verificar se ele estava bem, se ele estava dormindo. Renzo, por sua vez, fingia que estava em sono profundo, mas sua mente estava agitada, pensando no que aconteceria com seus pais, com a dívida que ainda pairava sobre suas cabeças.

Então, no meio daquela calma perturbadora, o som de carros parando em frente ao prédio cortou a quietude da noite. Renzo ouviu os motores desligando, o som de portas batendo, e antes que pudesse reagir, o vidro das janelas estourou com um estrondo alto, seguido por gritos distantes. Ele se levantou de um pulo, sentindo o coração bater mais rápido.

Foi então que a fumaça começou a invadir os quartos, um cheiro pungente de algo queimado começando a preencher o apartamento. O som de vidros quebrando e gritos se misturava ao som dos coquetéis molotov sendo lançados. Renzo não sabia o que estava acontecendo, mas o fogo estava começando a se espalhar rapidamente, atingindo as cortinas e móveis, consumindo tudo.

Maria correu até o quarto de Giuseppe, que já estava deitado na cama, sem conseguir se levantar. Ela o sacudi desesperada.

— Giuseppe, temos que sair agora! A casa está pegando fogo! — ela gritou, puxando-o com força.

Giuseppe, atordoado, tentou se erguer, mas a dor no corpo era insuportável. Ele não conseguiu se mover como queria.

— Renzo! — Maria gritou, correndo até o quarto do filho. — Renzo, vamos sair agora, rápido! Vamos, por favor, corra!

Mas Renzo, paralisado pela cena diante dele, olhava para os pais. O fogo se espalhava rapidamente pelo apartamento, e sua mente não sabia como processar o caos. Ele tentou pegar o pai e a mãe, mas, ao estender a mão, sentiu uma dor insuportável. Sua mão direita foi queimada ao tocar na parede em chamas. Ele soltou um grito de dor, mas não havia tempo para nada. A fumaça estava começando a tomar o ambiente, e sua visão estava ficando turva.

Maria, com lágrimas nos olhos, olhou para o filho desesperadamente.

— Renzo, você precisa fugir! Foge, vai, não olha para trás! Vai para longe, muito longe, não espere por nós, por favor! — ela gritou com uma voz cheia de pavor, tentando empurrá-lo para a porta.

Renzo não queria ir. Ele queria ficar, queria ajudar seus pais, mas o fogo estava tomando conta da casa, e ele sabia que não havia mais nada que pudesse fazer. Com lágrimas nos olhos e o coração pesado, ele correu em direção à porta, mas antes de sair, olhou para trás uma última vez, vendo a mãe se arrastando em direção ao marido, tentando ajudá-lo a se mover.

Renzo correu pela rua, sem parar, sem olhar para trás. A dor na mão o consumia, mas ele sabia que não podia parar. Quando chegou ao açougue, um grito de desespero cortou a noite. O açougue estava pegando fogo também. O mesmo fogo que devorava sua casa agora consumia o único lugar que ele ainda considerava seguro. O lugar que ele havia tentado proteger.

Com o peito apertado e o corpo tremendo, Renzo se afastou, sem saber para onde ir. Ele sentia que tudo o que conhecia estava se desintegrando ao seu redor, e ele estava completamente sozinho no mundo.

## — Capítulo Quatro —

### Rumo é igual dinheiro, Não tenho

Renzo correu pelas ruas estreitas, a fumaça de sua casa queimando ainda em seus pulmões, a dor na mão direita, queimada, pulsando a cada passo. Ele não sabia exatamente o que estava acontecendo, apenas que o mundo ao seu redor estava desmoronando. O fogo, a violência, os homens em preto, os gritos de sua mãe. Ele não conseguia entender direito. Tudo parecia como um pesadelo do qual ele não conseguia acordar.

Seu corpo estava cansado, mas a adrenalina o mantinha em movimento. Ele sabia que precisava se esconder, desaparecer de alguma forma. Não podia voltar para casa, não podia ir ao açougue. Eles iam atrás dele, isso ele sabia. A dívida de seu pai não era algo que se resolvesse com uma conversa. Ele já tinha visto o medo nos olhos dos homens, o tipo de medo que vinha de algo que não podia ser pago com dinheiro. E Renzo era um menino, mas sabia que, no mundo dos adultos, isso pouco importava.

Ele se escondeu em um beco sujo, respirando pesadamente, tentando se acalmar, mas o medo o consumia. Seus olhos estavam atentos a cada movimento, a cada sombra, como se o próprio chão estivesse tentando engoli-lo. Mas não podia ficar ali por muito tempo. Se os homens o encontrassem... Não queria pensar no que poderia acontecer. Ele sabia que as consequências não seriam simples, e ele já tinha visto como aquelas pessoas tratavam os outros.

Seus pés o conduziram automaticamente até a velha igreja perto da praça. Ele sabia que aquele lugar tinha sempre sido um refúgio, um abrigo temporário. Ele se escondeu atrás de uma das colunas externas, o som de seus próprios batimentos cardíacos ecoando em seus ouvidos. Não sabia o que fazer agora, como reagir. Ele tinha apenas treze anos e se sentia completamente perdido.

Ouvindo os passos das pessoas ao redor, Renzo pensou em sua mãe e no pai. Estava sozinho no mundo, sem mais nenhuma referência. Tudo o que ele sabia era que algo muito errado havia acontecido, algo que sua família nunca deveria ter se metido. A dívida, os homens, o fogo... Tudo parecia uma combinação fatal de erros que o haviam empurrado para um caminho sem volta.

Ele pensou no que seu pai teria feito se estivesse ali, se pudesse orientá-lo. Ele teria dito para manter a calma, para agir com inteligência. Mas Renzo não tinha a mínima ideia do que fazer agora. Só sabia que não podia ir para casa, não podia ir para o açougue. Estava completamente sozinho, sem os recursos que seu pai usava para lidar com pessoas como aquelas.

As horas se arrastaram. Ele ficou ali, encolhido, observando o movimento da cidade, esperando que os homens em preto não o encontrassem. Ele sabia que, como seu pai, ele teria uma maneira de lidar com aquilo, de buscar uma forma de resolver a situação. Mas ele não tinha os mesmos recursos. Ele era só um menino.

Enquanto a noite avançava, Renzo sentia o peso da solidão. Ele não sabia o que fazer da vida agora. Ele não tinha ninguém para confiar, nem mesmo o açougue onde passava tanto tempo, nem sua casa, que agora estava destruída. E sua mãe? Sua mãe estava lá, longe, no caos do incêndio, sem saber se ela ainda estaria viva. Ele queria acreditar que sim, mas não tinha como saber.

De repente, a lembrança de seu pai veio à tona: "Nunca deixe que o medo te controle, Renzo", ele dizia. "Com coragem, você vai saber o que fazer, mesmo quando o mundo parecer desmoronar. Ser forte é saber que sempre há uma saída."

Renzo não sabia qual seria essa saída, mas uma coisa ele sabia com certeza: sua vida mudaria para sempre. Ele teria que encontrar uma maneira de sobreviver neste mundo, um mundo onde o medo e a violência dominavam, onde até mesmo as ruas pareciam conspirar contra ele.

Ainda sem saber para onde iria, Renzo sentiu que precisava tomar uma atitude. Ele não poderia mais apenas esperar. Talvez a única maneira de sobreviver fosse aprender, de alguma forma, a jogar o mesmo jogo que aqueles homens jogavam. Ele tinha 13 anos, mas a vida o havia forçado a amadurecer muito mais rápido do que qualquer criança de sua idade deveria.

Renzo saiu lentamente da igreja, o peso de sua própria existência pressionando seus ombros. Ele sentia um vazio profundo, mais do que o medo ou a ansiedade pela situação. O mundo à sua volta parecia distante, como se ele estivesse observando tudo de uma janela fechada. Cada passo que dava nas ruas, com o som do concreto quebrando sob seus pés, parecia o afastando ainda mais da vida que ele conhecia.

À medida que caminhava, os faróis dos carros e as luzes da cidade iluminavam os cantos sombrios da noite, mas ele não via mais o que a cidade tinha a oferecer. O que antes parecia ser um lar familiar agora parecia um labirinto, sem saída e sem fim.

Ele passou por um restaurante iluminado, e algo o fez parar na calçada. O cheiro da comida, que antes o teria feito pensar em suas refeições habituais no açougue de seu pai, agora mexeu com ele de uma forma mais profunda. O lugar estava lotado, as mesas ao redor animadas com conversas e risos. A família na mesa mais próxima chamou sua atenção.

O pai da família, um homem de meia-idade com um sorriso caloroso, entregava um buquê de flores a sua filha, que tinha por volta de seus 12 ou 13 anos. Ela tinha um sorriso tímido e encantador, seus olhos brilhando ao receber o presente. A mãe ao lado observava a cena com carinho, enquanto a filha, com os cabelos castanhos e ondulados, parecia radiante naquele momento.

Renzo observava sem querer se aproximar, apenas absorvendo a cena. Algo dentro dele doía ao ver aquela família. Ele se viu em um reflexo do que poderia ter sido sua própria vida. Seus pais, ainda que em dificuldades, estavam sempre ali, presentes, com ele, até aquela fatídica noite. Mas agora, ele estava sozinho, sem comida, sem segurança, sem nem mesmo saber onde dormir.

O buquê parecia ter sido uma lembrança de um amor simples e bonito. Mas para Renzo, não passava de uma lembrança do que ele perdera: o calor da família, as coisas simples da vida. A comida na mesa parecia suculenta, e o aroma o atingiu com força. Ele havia saído de casa com o estômago vazio, sem ter comido praticamente nada antes do caos. Agora, ao ver aquela mesa cheia de comida, sua fome ficou insuportável.

Renzo deu um passo à frente, mas logo se conteve. Ele não podia se permitir ser visto. Aquelas pessoas, com sua vida pacata, não tinham ideia do que ele estava passando. E ele não sabia como poderia pedir ajuda. Não queria ser uma carga para ninguém, não sabia se podia confiar em qualquer pessoa naquele momento.

Com o estômago roncando, Renzo olhou novamente para a mesa. A menina ainda sorria, agradecendo ao pai pelas flores. Ele não sabia o que era pior: sua fome ou a dor que sentia por tudo o que havia perdido.

Ele tentou afastar a ideia de se aproximar. Não tinha o direito de invadir o mundo delas, tão distante do seu agora. Com um suspiro, Renzo deu as costas para o restaurante e começou a caminhar novamente. A cidade continuava sua rotina, mas ele estava em outro lugar, um lugar onde a dor e a solidão o empurravam cada vez mais para uma escuridão que ele não sabia como escapar.

## — Capítulo Cinco —

### Como o Tempo passa, mas as marcas ficam

O tempo passara, e a dor havia se tornado uma sombra constante. O ano agora era 1878, e Renzo, com 17 anos, já não era mais o menino assustado que fugira pela última vez das chamas que consumiram sua casa. Mas, mesmo com os anos que passaram, ele ainda carregava as cicatrizes de uma infância interrompida, marcada pela violência e pela perda. Agora, sua vida era uma batalha diária por sobrevivência. Não havia mais lar, não havia mais uma família que o acolhesse, apenas a cidade de Nova York e sua dureza.

Renzo se encontrava em um subúrbio miserável, um lugar onde os imigrantes se amontoavam, tentando escapar das promessas vazias da terra das oportunidades. As ruas eram sujas, as casas simples e mal-cuidadas, e os edifícios estavam sempre em ruínas. Ele morava em um pequeno quarto de favor no fundo de um estabelecimento sujo, um local de poucos recursos, onde só encontrava abrigo à noite, após longas horas de trabalho. O lugar onde ele dormia não tinha nome, apenas uma pequena loja que vendia de tudo um pouco — de frutas podres a tecidos usados. O dono, um homem ranzinza e sujo chamado Peter, não perguntava muito, só aceitava a ajuda de Renzo quando o garoto aparecia para trabalhar como atendente, limpando e organizando a loja durante o dia.

Renzo não recebia um salário fixo. Em vez disso, a gratificação era uma cama em um canto do depósito. Ele não se importava, afinal, era um alívio estar longe das ruas e das ameaças que o cercavam. Mas a falta de dinheiro o deixava sempre ansioso, com medo de que a qualquer momento o cobrassem. O peso da pobreza era uma sombra constante. Mas o que mais o assolava não eram as dificuldades materiais, mas os fantasmas que ainda o perseguiam, que surgiam nas caladas da noite ou nas ruas movimentadas da cidade. O estresse pós-traumático que Renzo experimentava era uma batalha silenciosa, que ele tentava esconder dos outros, mas que se intensificava a cada dia.

Ele já não sentia as emoções como antes. Quando algo o assustava, seu corpo reagia instintivamente, com a respiração acelerada e o coração disparado. Quando as portas se fechavam ou quando alguém batia forte, sua mente automaticamente voltava ao passado. Os flashes de fogo, de gritos e do rosto de sua mãe, suplicando que ele fugisse, surgiam como uma onda. E ele se fechava, tentava se esconder, não se permitir ceder ao pânico. Os outros trabalhadores na loja nunca notaram a luta interna que Renzo travava. Ele era bom no que fazia, e sua habilidade em manter a calma diante da pressão fazia com que ele se destacasse.

Naquele dia, porém, as coisas tomariam um rumo diferente. Era uma tarde quente e abafada, com o cheiro de sujeira e comida velha no ar. Renzo estava organizando as prateleiras quando ouviu o som de um carro se aproximando. O carro, embora simples, tinha algo de imponente, algo que o fez parar por um momento, seus músculos se tensionando como se ele soubesse que algo não estava certo. Ele se virou rapidamente, tentando disfarçar, mas seu corpo estava em alerta. Ele conhecia aquela sensação. Algo estava errado.

A porta da loja se abriu com um estalo, e três homens entraram. Renzo, ainda com as mãos sujas de pó, os observou com um olhar furtivo. Eles não eram como os outros clientes. Seus olhares eram intensos, e as roupas — bem cortadas, pretas — indicavam que eles não pertenciam àquele lugar. Renzo sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Eles eram diferentes, mais imponentes. Ele sabia o que isso significava.



O líder dos homens, um sujeito de aparência dura e feições marcadas, olhou para Renzo com um sorriso frio. — Você é o garoto que trabalha aqui? — Ele perguntou, sua voz profunda, que fazia o coração de Renzo bater mais forte. Ele acenou com a cabeça, tentando parecer tranquilo, mas o suor começava a se acumular em sua testa.

— Estou vendo que você é bom no que faz. Mas existe algo que precisamos conversar — disse o homem. Seu olhar se endureceu. — O nome é Angelo Serrano. E, como você deve saber, este bairro pertence a nós.

Renzo engoliu em seco. Ele já ouvira falar de Angelo Serrano — um mafioso impiedoso que governava a área com punho de ferro, extorquindo dinheiro de qualquer um que se atrevesse a viver ali. Ele cobrava um tributo dos imigrantes, uma taxa semanal para garantir sua "proteção". Renzo, com a pouca experiência de vida que tinha, sabia que não era bom se envolver com eles.

— Você deve estar ciente da nossa... contribuição para a segurança da vizinhança, não é?

— Angelo disse, sorrindo com sarcasmo. Ele se aproximou do balcão, seus olhos avaliando cada canto da loja. — E você, garoto, vai ter que fazer a sua parte.

Renzo sentiu o pânico crescer dentro de si. Ele sabia que não tinha como pagar, não tinha nada a oferecer. Seu corpo tremia, mas ele tentou manter a calma, engolindo o nó na garganta. Seus olhos se fixaram na mesa, tentando se concentrar em qualquer coisa além dos homens diante de si. Ele não queria que percebessem o medo estampado em seu rosto.

— Eu... não tenho... nada — Renzo gaguejou. — Eu só trabalho aqui... não sou dono...

Angelo se aproximou mais, colocando a mão pesada sobre o balcão. O som do metal rangendo sob seu toque fez Renzo engolir em seco. — Então você terá que encontrar alguma maneira de fazer isso. E lembre-se, garoto... — A voz de Angelo se tornou um sussurro ameaçador. — Quem não paga... paga de outra forma.

Renzo sentiu uma onda de desespero. Ele olhou para os outros homens, cujos olhares vazios pareciam predatórios. O medo era paralisante, mas ele sabia que não podia demonstrar fraqueza. Com as mãos suando e a mente disparada, ele engoliu suas palavras e, em um gesto reflexo, se afastou um passo.

— Eu... vou ver o que posso fazer. Vou tentar arranjar alguma coisa... — ele disse, mas sua voz estava baixa, sem convicção. Não sabia o que fazer. Não sabia como sair daquela situação.

Os homens trocaram olhares, um deles sorrindo de forma quase imperceptível. Angelo, vendo que Renzo estava se contorcendo de medo, finalmente se afastou, mas sua voz ecoou no ar.

— Vamos esperar... Mas o tempo não é seu amigo, garoto. Não demore.

Renzo observou enquanto eles saíam, a porta batendo atrás deles. Sua mente estava a mil. O pânico se apoderou dele imediatamente. Ele se afastou, respirando pesadamente, tentando não sucumbir ao desespero. Sentia-se perdido, como se a escuridão que o consumira no passado estivesse de volta. Mas agora, ele não podia se permitir falhar. Ele não tinha mais ninguém para proteger.

Ele olhou para o pequeno canto da loja, o único lugar onde se sentia seguro. E ali, naquele momento de desespero, Renzo soube que ele precisava tomar uma decisão: se submeter ao jogo da máfia ou fugir, mesmo sabendo que a fuga talvez fosse impossível. O peso da escolha era esmagador, mas ele não podia permitir que sua vida fosse dominada novamente pela sombra do medo.

O som da porta se abrindo foi acompanhado de um resmungo familiar. Peter, o dono da loja, entrou com um passo pesado, seu rosto sempre carrancudo e sem paciência. Os cabelos grisalhos e desgrehados, sua camisa manchada de suor e as mãos sujas de trabalho davam a impressão de que a vida de Peter não era muito diferente de qualquer

outra no bairro. Ele sempre parecia aborrecido, como se o mundo inteiro tivesse lhe dado as costas — e talvez fosse verdade.

— Aí está você, garoto — Peter resmungou, jogando uma sacola de batatas podres sobre a mesa do balcão. Ele não sequer olhou para Renzo, e esse silêncio, mais uma vez, trouxe um peso sobre os ombros do jovem. — Ainda aqui, não é? Achei que já tivesse fugido pra lá. Não vai ser nada na vida, garoto. Não adianta se iludir com esse trabalho.

Renzo apenas se manteve quieto. Ele já estava acostumado com as palavras de Peter. Não respondia mais, não porque fosse fraco, mas porque sabia que não adiantava. Tudo o que ele precisava era daquele lugar, pelo menos para ter um teto. Então engolia o desprezo de Peter sem fazer mais que um gesto de obediência.

— Já terminou de arrumar aquela bagunça de ontem? — perguntou Peter, enquanto ia para o fundo da loja. Ele não esperava uma resposta, apenas aguardava que Renzo cumprisse sua tarefa. — E não pense que vai me enrolar, garoto. Não vai sair daqui e achar que vai encontrar um caminho fácil. A vida é difícil e você é só mais um que vai se arrastar.

Renzo balançou a cabeça, fingindo não se importar, mas sentindo um peso no peito. O medo e a ansiedade estavam se tornando parte de sua rotina. Estava tão acostumado a ouvir palavras cruéis que elas já não mais o feriam, mas ainda assim, o faziam questionar quem ele realmente era, o que ele estava fazendo com sua vida.

Ao longo do dia, Renzo cuidou das tarefas que lhe foram dadas — arrumando mercadorias, limpando as prateleiras, organizando as frutas que, com o tempo, começaram a apodrecer. As mesmas frutas que, no início, ele olhava com um certo desejo. Mas agora, elas eram apenas mais um lembrete da vida miserável que ele levava.

Ele limpou o chão que parecia sujo demais, com uma crosta de sujeira que parecia se acumular por meses. Cada passo que ele dava fazia o cheiro de comida podre e desespero invadir suas narinas, enquanto o sujo líquido de frutas murchas escorria pelas fendas do piso de madeira. As gotas do líquido escorriam pelas paredes e por debaixo dos balcões. A sujeira o fazia sentir um nó na garganta, mas ele sabia que não tinha escolha senão suportar.

O relógio finalmente marcou o final do expediente, e Renzo fechou a loja. O cansaço de um dia inteiro de trabalho sem descanso pesava em seus ombros. Ele apagara todas as luzes e arrumara a entrada, como sempre fazia, e então foi para o fundo do estabelecimento, onde o pequeno quartinho era seu refúgio, embora um refúgio miserável. O quarto era apertado, mal iluminado e sufocante. O colchão, que já fora um simples pedaço de espuma, agora estava coberto por manchas de um líquido escuro e fétido — o resíduo das frutas apodrecendo nas caixas armazenadas ali. O cheiro era nauseante, e o quarto parecia estar sempre em um estado de deterioração. O chão estava coberto por sujeira, com pedaços de frutas esmagadas e derramadas, o cheiro de podridão misturado com o mofo da umidade crescente.

Renzo se deixou cair sobre o colchão úmido, sentindo o líquido frio e repulsivo molhando suas roupas. Ele puxou as cobertas sobre o corpo, tentando se aquecer, mas a sensação de umidade não o deixava descansar. O quarto era seu lar, mas era também um constante lembrete de como sua vida tinha se tornado uma luta interminável.

Ele olhou para o teto, suas mãos tremendo ao tocá-lo, sentindo as imperfeições da madeira maltratada. Seus pensamentos começaram a se perder. O pânico estava à espreita, e ele sabia que mais uma vez estava fugindo de algo dentro de si. Ele tentava ignorar o estresse que o dominava, mas a ansiedade era grande demais. Pensava no que seria do seu futuro, no que ele havia se tornado.

Mas ali, naquela noite silenciosa e abafada, ele sabia que não poderia ceder. Ele tinha que sobreviver. A dor, o medo, as lembranças — tudo isso fazia parte de sua vida agora. E

enquanto ele se enrolava no cobertor, ouvindo o som distante da cidade, Renzo se forçou a adormecer, sabendo que no dia seguinte a luta continuaria.

Mas, no fundo, uma parte dele não sabia mais o que ele estava lutando. Ele só sabia que precisava seguir em frente, mesmo que não houvesse mais um caminho claro à sua frente.

## — Capítulo Seis —

### Packie McLuskie e Joe Bonnet

Semanas haviam se passado na monótona vida de Renzo, que caminhava pelas ruas agitadas de Nova York, carregando uma cesta vazia que, em breve, seria preenchida com frutas frescas. A tarefa era simples: comprar algumas frutas para o mercado de Peter, que estava com os estoques baixos. Mas ele sabia que essa simples tarefa poderia se tornar algo muito mais complicado. O bairro estava cheio de vida, mas também de perigo, e ele já se acostumara a andar com um olho na rua e outro nas sombras.

A feira estava próxima, uma aglomeração de barracas mal montadas, onde os vendedores gritavam oferecendo seus produtos. A cada passo que Renzo dava, ele sentia o peso do que havia se tornado, da vida que levava. Não era mais um simples garoto que sonhava com algo melhor. Ele sabia que esse mundo era implacável, e a cada dia se distanciava mais da pessoa que ele um dia foi. E então, no meio de suas distrações e passos cautelosos, ele viu uma figura familiar — Angelo Serrano.

O mafioso estava parado na esquina, com sua postura imponente e seus homens ao seu lado, parecendo mais uma sombra do que uma pessoa de carne e osso. Ele usava seu terno escuro, seus olhos estreitos e calculistas, observando cada movimento da rua com a precisão de um predador. Renzo sentiu o estômago revirar assim que viu Serrano.

— Olha quem temos aqui — disse Serrano, com um sorriso torto, quase irônico. Sua voz, suave e ameaçadora ao mesmo tempo, era como uma cobra se aproximando de sua presa. Renzo tentou desviar o olhar, mas não podia fugir. Ele já sabia o que vinha a seguir. Serrano, com seu tom calmo e preciso, não dava espaço para evasivas.

— O dinheiro do tributo, garoto. Onde está? — perguntou, enquanto seus homens se aproximavam lentamente. Renzo engoliu seco, tentando encontrar coragem para falar.

— Não... não tenho o dinheiro — respondeu, a voz falha, a ansiedade começando a tomar conta dele. Ele sabia que o homem à sua frente não era alguém que aceitava desculpas ou explicações.

— Não tem? — Angelo Serrano disse, como se estivesse apenas confirmando algo óbvio. Ele deu um passo à frente, seus homens se aproximando mais. Renzo começou a sentir o pânico tomar conta de seu corpo. Ele sabia que a situação estava prestes a piorar.

Serrano olhou para seus homens e fez um gesto com a mão. Sem uma palavra a mais, os capangas de Serrano começaram a se mover, um deles derrubando a cesta de frutas que Renzo carregava, espalhando-as pelo chão de maneira violenta. O movimento rápido e brutal era um reflexo da impaciência de Serrano, um sinal de que ele não estava disposto a perder tempo.

Renzo, assustado e sem saber como reagir, ficou paralisado por um momento. Mas não demorou muito para que os homens de Serrano comessem a empurrá-lo, jogando-o contra a parede de um prédio próximo. Ele sentiu sua cabeça bater com força, a dor momentânea fazendo com que sua visão se embaçasse. Os homens, sorrindo de maneira sádica, começaram a rir enquanto Renzo tentava se recompor.

— Não me diga que está sem dinheiro de novo, garoto — disse um dos capangas, enquanto lhe dava um soco no estômago, fazendo Renzo cair de joelhos. O outro, com um chute forte, fez Renzo se curvar para frente, e o som de sua respiração forçada ecoou pelas ruas.

Serrano, observando a cena com um sorriso de aprovação, deu mais um passo à frente. Ele se agachou, colocando a mão no ombro de Renzo e olhando em seus olhos com um olhar calculista.

— Você acha que eu sou um homem paciente, não é? — disse ele suavemente. — Achei que você fosse mais inteligente, mas agora vou ter que te ensinar uma lição. Ninguém aqui se importa com o que você tem ou não tem. O que importa é o que você deve, e isso, meu amigo, é o que você vai pagar de qualquer jeito.

Renzo tentava se levantar, o corpo dolorido e marcado pelos socos e chutes, mas a humilhação era o maior golpe que ele sentia. Ele não conseguia entender por que estava passando por isso, por que tudo parecia sempre dar errado. Mas, mais importante, ele sentia um medo imenso. O medo do que Serrano poderia fazer, do que ele ainda poderia perder.

Antes que pudesse reagir, Serrano ergueu a mão, sinalizando para seus homens se afastarem. Eles estavam apenas se divertindo, mas o mafioso queria terminar rápido. Ele pegou um lenço e enxugou a testa suada, como se nada de mais tivesse acontecido.

— Vai dar um jeito de trazer esse dinheiro, garoto. Ou da próxima vez, a lição será mais dura — disse Serrano, com a voz ainda calma, mas carregada de uma ameaça velada.

Renzo, já com os olhos cheios de lágrimas e a respiração difícil, apenas balançou a cabeça. Não podia dizer nada, não tinha força para lutar ou sequer reclamar. Ele apenas ficou ali, vendo o mafioso e seus homens se afastarem, sentindo cada dor no corpo e na alma.

Quando a cena finalmente acabou, Renzo se levantou, sentindo os pés doerem enquanto tentava juntar suas coisas, mas o olhar de Serrano estava gravado em sua mente. Ele não sabia o que fazer, mas agora tinha ainda mais uma dívida para pagar. Uma dívida com um homem muito mais perigoso do que qualquer outro que ele já conheceria.

Renzo caminhava com dificuldade pelas ruas estreitas, seus passos eram lentos e hesitantes. O rosto estava marcado pelo sangue, os lábios inchados e roxos, e seu corpo todo doía, como se tivesse sido atropelado por uma carruagem. A cesta de frutas, agora esmagada e desfigurada, balançava de um lado para o outro em suas mãos. O cheiro de frutas esmagadas misturava-se com o suor e o sangue, tornando-se insuportável. Cada passo parecia um desafio, mas ele precisava chegar até Peter.

Ao chegar no minimercado, Renzo empurrou a porta com dificuldade, fazendo-a ranger. O barulho da campainha que indicava a entrada soou estranhamente alto em seus ouvidos, mas ele não se importou. A dor no corpo estava além de qualquer desconforto momentâneo. Ele entrou, os olhos baixos, tentando esconder a humilhação e a angústia. Peter estava atrás do balcão, arrumando alguns produtos, e o olhou com desconfiança assim que percebeu o estado de Renzo.

— O que aconteceu com você? — perguntou Peter, sem muito interesse na resposta. Ele já sabia que Renzo tinha o péssimo hábito de se meter em encrenca.

Renzo tentou erguer a cabeça, forçando um suspiro e tentando engolir a dor. Ele sabia que nada do que dissesse seria ouvido de verdade. O olhar de Peter estava cheio de impaciência, e Renzo não queria gastar suas energias tentando justificar algo que, no final, não faria diferença.

— Eu... fui... fui abordado — Renzo tentou falar, a voz rouca e abafada, enquanto olhava para a cesta esmagada de frutas. — Angelo Serrano... ele... ele me cobrou o tributo... eu não tinha o dinheiro... eles me bateram...

Peter olhou para ele, as sobrancelhas arqueadas, sem um pinga de compaixão ou empatia.

— Então você acha que eu me importo com a sua merda de tributo, garoto? — Peter respondeu, cortante, a voz cheia de raiva. Ele estava visivelmente irritado, seus olhos

estreitos e a mandíbula tensa. — O que eu te disse sobre ser responsável? O que eu te disse sobre fazer o trabalho direito?

Renzo, ofegante e com os olhos cheios de dor, tentou se explicar, mas as palavras saíam com dificuldade. Ele sentia a cabeça girar e o estômago virar, como se estivesse prestes a desmaiar.

— Eu tentei... eu... não podia fazer nada... eles... eles me bateram... — Renzo gaguejou, a frustração e o medo transbordando em sua voz.

Peter deu um passo à frente, o olhar endurecendo.

— Você não tenta o suficiente. Você nunca tenta o suficiente! — ele gritou, sua raiva explodindo como uma tempestade. — Você sabia que tinha que trazer esse maldito dinheiro! Eu não estou aqui para lidar com os problemas da sua vida, Renzo! Não estou aqui para fazer caridade, e muito menos para bancar suas desculpas esfarrapadas!

Renzo tentou engolir a raiva, mas era impossível. Ele sentia um ódio crescente por Peter, pela maneira como tratava ele, pela forma como o via apenas como uma ferramenta, algo descartável.

— Eu... não pude fazer nada... — Renzo repetiu, sua voz quase inaudível, mas agora cheia de uma dor que ia além dos ferimentos físicos.

Peter olhou para ele, e por um momento, seu olhar parecia mais frio, mais distante. Mas então ele bufou, virando-se para um lado e batendo a mão com força na bancada.

— E eu não posso perder tempo com você, Renzo! — gritou. — Se você não está conseguindo fazer isso direito, então talvez você devesse sair daqui. Talvez seja melhor você procurar outro lugar para se esconder, porque eu não tenho paciência para isso!

O coração de Renzo acelerou. Ele já sabia que estava sendo tratado como nada mais do que uma ferramenta descartável, mas ouvir isso de Peter, tão abertamente, foi como um golpe em sua alma. Ele sentiu uma raiva fervendo dentro de si, mas não tinha forças para responder. A dor, a humilhação, e a frustração eram tantas que ele sentiu como se não pudesse mais suportar.

— Eu... — Renzo começou a falar, mas as palavras não saíram.

Peter cruzou os braços e lançou um último olhar de desprezo para Renzo.

— Sabe de uma coisa? Estou cansado de lidar com você. Você é um peso morto, Renzo. Arrume suas coisas. Quero você fora daqui ainda hoje.

Renzo ficou em silêncio. Ele sentiu o peso das palavras de Peter como uma pancada no estômago. Não havia discussão, não havia um apelo a ser feito. Ele pegou sua cesta de frutas esmagadas e se arrastou até o quatinho nos fundos. Não tinha muita coisa para juntar: um colchão surrado, uma muda de roupa, e um cobertor que fedia tanto quanto as caixas de frutas apodrecidas. Quando terminou, jogou tudo dentro de uma sacola velha e saiu sem olhar para trás.

A noite estava fria, e o vento cortava como uma lâmina, fazendo os poucos transeuntes apressarem o passo. Renzo caminhava sem rumo pelas ruas do subúrbio. A dor nos músculos e o cansaço de semanas acumuladas o faziam se arrastar, mas o pior era a sensação de vazio. Ele estava sozinho novamente, sem um teto, sem um propósito.

Enquanto passava por uma viela mal iluminada, ouviu risos abafados e vozes que vinham de um beco mais à frente. Curioso, parou e espiou. Dois jovens estavam encostados em uma parede de tijolos desgastados, compartilhando uma garrafa de bebida barata. Eles pareciam despreocupados, como se o mundo não fosse tão cruel quanto Renzo sabia que era.

— Ei, garoto! — chamou um deles, um rapaz magro com cabelos castanhos desgrenhados e olhos vivos. Ele tinha cerca de 18 anos e vestia um casaco surrado, que parecia um número maior do que deveria ser. — Tá perdido ou só gosta de espiar?

Renzo hesitou. Ele podia simplesmente ignorar e seguir em frente, mas algo nos olhos do rapaz não parecia hostil. Mesmo assim, suas palavras ainda carregavam um tom provocador.

— Desculpa... — murmurou Renzo, dando um passo para trás.

— Ei, calma aí, ninguém te mandou embora — disse o outro, um rapaz de cabelos ruivos e pele cheia de sardas. Ele parecia mais robusto que o amigo e segurava a garrafa com uma mão enquanto ria. — Você tá bem, garoto? Tá com uma cara péssima.

Renzo deu de ombros, tentando esconder o cansaço e os machucados.

— Só... tive um dia ruim.

O rapaz ruivo trocou um olhar rápido com o amigo e depois deu um passo à frente.

— Dia ruim, é? Parece que o dia te deu uma surra, isso sim.

— Packie, não espanta o moleque — disse o primeiro, rindo. Ele se virou para Renzo e fez um gesto com a cabeça, chamando-o para se aproximar. — Vem cá, senta um pouco. Meu nome é Joe. E esse aqui é o Packie.

Renzo hesitou, mas acabou cedendo. Havia algo na forma como eles o encaravam, como se não o julgassem ou desprezassem como Peter fazia. Ele se aproximou devagar e sentou-se no meio-fio, a alguns passos deles.

— Então, garoto, como é que você se chama? — perguntou Packie, jogando a garrafa para Joe.

— Renzo... meu nome é Renzo — respondeu ele, a voz quase sumindo.

Joe ergueu as sobrancelhas e deu um gole na bebida antes de falar.

— Nome diferente. Você é italiano?

Renzo assentiu.

— Sim. Meus pais... eles vieram pra cá...

Joe percebeu que Renzo hesitou, então deu um sorriso discreto e mudou de assunto.

— Não deve ser fácil, né? Esse lugar é uma merda. A gente sabe como é. Eu e o Packie somos vizinhos. Crescemos aqui nesse buraco de cidade.

— Buraco é pouco — interrompeu Packie, rindo. — Aqui é onde os sonhos vêm pra morrer.

Renzo deu um pequeno sorriso. Era a primeira vez em semanas que sentia algo próximo a leveza.

— E você, Renzo? O que tá fazendo por aqui? — perguntou Joe, cruzando os braços e encostando na parede.

Renzo olhou para o chão, pensando em como responder.

— Eu... tava trabalhando. Mas perdi o emprego.

— Bem-vindo ao clube — disse Packie, dando de ombros. — Trabalho, emprego, futuro... essas coisas não foram feitas pra gente.

Joe riu, mas logo ficou sério ao perceber o olhar abatido de Renzo.

— Sabe de uma coisa? — disse ele, inclinando-se para frente. — Talvez você precise de amigos por aqui. Esse lugar é perigoso, e sozinho você não vai durar muito.

Renzo ergueu os olhos, surpreso. Não estava acostumado a ouvir palavras amigáveis.

— Amigos? — murmurou ele.

— É, amigos — disse Packie, batendo de leve no ombro de Renzo. — O Joe é bom de conversa, eu sou bom de briga. E você parece que tem algo aí dentro, só precisa descobrir o quê.

Renzo olhou para eles, um brilho hesitante nos olhos. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu que talvez não estivesse completamente perdido. Ele não sabia onde aquela noite o levaria, mas algo no jeito descontraído e espontâneo de Joe e Packie o fazia pensar que, talvez, eles pudessem ser mais do que simples conhecidos. Talvez, pela primeira vez desde a tragédia, ele tivesse encontrado algo parecido com uma chance.

Joe jogou o braço em volta de Renzo enquanto eles caminhavam pela rua escura, ainda rindo das piadas de Packie sobre os "senhores da fortuna" que frequentavam os bairros ricos de Nova York. Renzo estava começando a se sentir um pouco mais à vontade, mesmo que um desconforto persistente o lembrasse de tudo o que tinha perdido e da linha tênue que ainda pisava.

Depois de algumas quadras, eles chegaram a um prédio antigo e abandonado, com janelas quebradas e paredes cobertas de fuligem. Joe parou na entrada e fez um gesto dramático.

— Bem-vindo ao nosso castelo! — disse ele com um sorriso.

— Castelo? — Renzo perguntou, franzindo o cenho ao observar o prédio em ruínas.

— Claro! — respondeu Packie, abrindo a porta que rangeu como se protestasse. — Não é exatamente o Palácio do Duque, mas, ei, tem um teto que não desaba (na maior parte do tempo) e ninguém vem incomodar a gente.

Renzo hesitou antes de entrar. O interior era um caos de madeira podre, poeira e móveis velhos espalhados por todos os lados. Havia um colchão sujo em um canto, algumas mantas desgastadas e restos de comida embalados em jornais. Ainda assim, era um lugar melhor do que o beco frio que Renzo poderia acabar chamando de lar naquela noite.

— Vocês moram aqui? — perguntou Renzo, ainda observando o ambiente.

— Quando não estamos nas ruas — respondeu Joe, jogando sua jaqueta no colchão. — Mas, acredite, é melhor do que parece. É tudo questão de perspectiva.

Packie sentou-se em uma cadeira mancando e acendeu um cigarro com um fósforo tirado do bolso. Ele deu uma tragada profunda e apontou o cigarro na direção de Renzo.

— Então, garoto, o que você acha da vida que a gente leva?

Renzo olhou para eles, incerto sobre o que responder.

— Eu... não sei. Parece difícil.

Joe riu e se sentou no chão, encostando-se na parede.

— Difícil? Claro. Mas sabe o que é mais difícil? Ser pisoteado. Ser tratado como um ninguém. Ser um rato, como os que estão por aqui.

Packie deu uma risada seca, exalando a fumaça do cigarro.

— É isso aí. Nós estamos aqui porque não aceitamos ser pisoteados. E sabe como é que a gente faz isso, Renzo? A gente não espera o mundo nos dar nada. A gente pega.

Renzo franziu o cenho e desviou o olhar. As palavras de Packie pesaram em sua mente. Ele se lembrou de seu pai, Giuseppe, sempre honesto, trabalhando duro para ganhar o pão de cada dia, mesmo com as dificuldades que enfrentavam. E sua mãe, Maria, que dizia que viver com integridade era mais importante do que qualquer coisa.

— Roubar? — murmurou ele, mais para si mesmo do que para os outros.

Joe percebeu o tom hesitante de Renzo e deu de ombros.

— Roubar, pegar, tomar... chame como quiser. Mas aqui fora, ninguém dá nada pra você. Se você quer subir na vida, garoto, precisa jogar o jogo.

— E o que acontece se você perde? — Renzo perguntou, erguendo os olhos para eles.

— Você se levanta e joga de novo — respondeu Packie, batendo cinzas no chão.

Renzo balançou a cabeça lentamente.

— Meu pai... minha mãe... eles sempre disseram que a honestidade era o caminho certo. Que trabalhar duro era a única forma de ter respeito.

Joe sorriu, mas era um sorriso quase triste, como se reconhecesse a ingenuidade de Renzo.

— Seu pai e sua mãe pareciam boas pessoas. Mas me diz uma coisa, Renzo: onde é que a honestidade deles os levou?

A pergunta atingiu Renzo como um soco. Ele abriu a boca para responder, mas não encontrou palavras. A memória do fogo, do cheiro de madeira queimada e das vozes de seus pais gritando invadiu sua mente. Seu peito apertou, e ele sentiu a respiração acelerar.



— Ei, calma aí — disse Joe, percebendo a mudança no rosto de Renzo. — Não estou dizendo que eles estavam errados. Só estou dizendo que, às vezes, a gente precisa fazer o que for preciso pra sobreviver.

Packie deu um tapinha nas costas de Renzo, um gesto surpreendentemente reconfortante vindo dele.

— Relaxa, garoto. A gente não tá aqui pra te pressionar. Só pensa no que estamos dizendo. Renzo respirou fundo, tentando se acalmar. Ele não sabia como se sentia em relação ao que Joe e Packie estavam dizendo. Parte de si queria rejeitar tudo aquilo, se agarrar aos valores de sua família. Mas outra parte, uma parte que ele mal entendia, reconhecia a verdade nas palavras deles.

Ele olhou para Joe e Packie, dois jovens que haviam encontrado uma maneira de sobreviver naquele mundo cruel. Talvez eles não estivessem certos, mas estavam vivos. E, naquele momento, isso parecia mais do que Renzo podia dizer sobre si mesmo.

Joe puxou um pequeno caixote velho e sentou-se de frente para Renzo, os olhos fixos nele com uma intensidade quase hipnotizante. Packie, por sua vez, ficou encostado na parede, soprando anéis de fumaça do cigarro, como se o assunto fosse apenas uma conversa casual.

— Olha só, Renzo — começou Joe, cruzando os braços. — Eu entendo sua hesitação. Você é um garoto bom, com um coração no lugar. E sabe o que eu acho? Isso é uma coisa rara por aqui. Mas deixa eu te dizer uma verdade: ser bom não enche o estômago.

Renzo baixou os olhos, suas mãos inquietas no colo.

— A vida é assim — continuou Joe. — Quem tem tudo não quer dividir com quem não tem nada. E sabe por quê? Porque eles acham que a gente não merece. Acham que somos invisíveis.

Packie soltou uma risada curta.

— Invisíveis até pegarmos o que é nosso — disse ele, jogando a bituca do cigarro no chão e esmagando-a com o sapato.

Joe acenou com a cabeça, concordando.

— É isso. Não estou falando pra você virar um ladrão sem propósito, Renzo. Estou falando pra gente pegar as coisas deles — as coisas que eles nem vão sentir falta — e trazer pra quem precisa.

Renzo levantou os olhos, tentando entender a lógica de Joe.

— Trazer pra quem precisa?

Joe sorriu.

— É. Claro que a gente ganha algo no processo, mas pensa só: as pessoas aqui nos bairros pobres... elas querem frutas frescas, pão decente, carne de verdade. Mas elas não têm como pagar o que os ricos pagam. Então, a gente pega das sobras deles e traz pra cá. Vendemos por um preço mais alto, mas ainda assim mais barato do que o que eles pagariam em qualquer outro lugar.

— É um serviço, Renzo — disse Packie, com um tom persuasivo. — E, no final, todo mundo sai ganhando.

Renzo cruzou os braços, desconfiado.

— Isso ainda é roubo.

Joe riu, mas não com desdém. Era uma risada calorosa, quase paternal.

— Garoto, tudo nesse mundo é roubo. Os caras que mandam aqui cobram de você pra respirar. Serrano te espancou por um tributo, lembra? Isso não é roubo?

Renzo hesitou, as palavras de Joe cutucando um ponto fraco em sua mente.

— Mas... meu pai dizia que ser honesto era o certo.

— E olha onde isso o levou, Renzo — disse Packie, sem rodeios, mas sem crueldade. — A gente não tá dizendo pra você esquecer o que aprendeu. Só estamos dizendo que às vezes você precisa ser esperto pra sobreviver.

Joe se inclinou, olhando Renzo nos olhos.

— Olha só. Amanhã, bem cedo, um caminhão vai passar perto de East End carregando frutas frescas. Eles sempre fazem isso nas segundas, e os caras nem olham pra trás. É uma oportunidade perfeita. Pegamos algumas caixas, trazemos pra cá e fazemos uma grana boa. Você pode ficar com sua parte e ajudar quem precisar, se isso te faz sentir melhor.

Renzo olhou de um para o outro, sentindo o peso da decisão. Ele sabia que aquilo estava errado, mas as palavras de Joe e Packie tinham lógica, e sua realidade era implacável. Ele se lembrou do colchão molhado, das frutas podres e do rosto de Serrano rindo enquanto o espancava.

Finalmente, ele respirou fundo e assentiu, relutante.

— Tá bom. Eu faço isso.

Joe sorriu amplamente, batendo nas costas de Renzo com entusiasmo.

— Sabia que você era esperto, garoto! Amanhã, às cinco da manhã, a gente te encontra no beco.

Packie acenou com a cabeça, pegando outro cigarro.

— Vai ver, Renzo. Depois de amanhã, sua vida já vai parecer bem diferente.

Renzo se levantou e caminhou até o canto do prédio, tentando organizar seus pensamentos. Ele sabia que estava cruzando uma linha, mas, pela primeira vez em anos, sentia que tinha algum controle sobre seu destino.

## — Capítulo Sete —

### De Roubo em Roubo um Ladrão enche o papo

A luz cinzenta da madrugada começava a engolir os contornos escuros do bairro. Renzo acordou com o som de passos pesados no corredor do prédio abandonado, o frio cortante atravessando seu casaco fino. Ele sentou-se no colchão encardido, esfregando o rosto com as mãos. O coração batia rápido; não era medo, mas a ansiedade do desconhecido.

Joe estava encostado na parede oposta, já acordado, afiando um pequeno canivete com uma pedra.

— Hora de acordar, garoto — disse ele, sem erguer o olhar. — Packie não gosta de esperar.

Renzo se levantou devagar, os músculos ainda rígidos. Ele olhou pela janela quebrada, onde o céu começava a clarear levemente. O silêncio da manhã era interrompido apenas pelo som distante de cães latindo e de algum carro passando longe.

— Vamos logo, então — respondeu Renzo, pegando seu casaco e vestindo-o rapidamente. Packie já estava lá, batendo os pés no chão para afastar o frio, com um cigarro pendurado nos lábios e um sorriso malicioso no rosto.

— Achei que vocês iam me deixar congelar aqui — brincou ele, quando Joe e Renzo chegaram. — Estamos prontos?

Joe assentiu e puxou Renzo pelo braço, levando-o para mais perto.

— Lembre-se, garoto, a gente entra rápido, pega o que pode e sai antes que alguém perceba. Nada de heróis, nada de problemas.

Renzo acenou com a cabeça, tentando parecer mais confiante do que realmente se sentia.

— E se der errado? — perguntou ele, hesitante.

Packie riu, jogando o cigarro fora.

— Não vai dar errado. Você está com a gente.

Eles seguiram pelas ruas estreitas e sujas, caminhando em silêncio enquanto a cidade ainda dormia. O cheiro de pão fresco vindo de uma padaria próxima se misturava ao odor de lixo acumulado. Renzo sentiu o estômago roncar, mas manteve o foco.

Finalmente, eles chegaram a uma esquina onde podiam ver o caminhão estacionado, enquanto dois homens descarregavam algumas caixas de frutas em um mercado pequeno. O veículo estava aberto, e as caixas cheias de frutas frescas brilhavam sob a luz fraca dos postes.

— Tá vendo? Moleza — sussurrou Packie, apontando para o caminhão. — Eles deixam tudo exposto.

Joe fez um sinal para que os outros se aproximassem, mas com cautela.

— Renzo, você fica aqui no canto e vigia. Se vir alguém se aproximando, assovie.

Renzo assentiu, sentindo o coração acelerar ainda mais. Ele se posicionou atrás de uma pilha de caixotes velhos enquanto Joe e Packie se aproximavam do caminhão.

Os dois trabalhavam rápido, como se já tivessem feito aquilo dezenas de vezes. Joe subiu no caminhão e começou a empurrar caixas para Packie, que as empilhava no chão. Renzo observava tudo, tentando ignorar a tensão no peito.

De repente, ouviu o som de passos vindo de longe. Ele virou-se rapidamente e viu uma figura saindo pela porta dos fundos do mercado. Sem pensar, colocou dois dedos na boca e assoviou baixo, mas audível.

Joe e Packie congelaram. Joe fez um sinal com a mão para Packie pegar apenas mais uma caixa antes de desaparecerem.

— Vamos! — sussurrou Joe, puxando Packie pelo braço enquanto carregavam as frutas para um beco próximo.

Renzo correu para se juntar a eles, o coração batendo como um tambor.

De volta ao prédio abandonado, os três se sentaram no chão sujo ao redor das caixas de frutas. Joe abriu uma delas, revelando maçãs reluzentes e uvas frescas.

— Olha só isso — disse ele, segurando uma maçã na mão. — Isso vai valer uma boa grana.

Packie pegou uma uva e a jogou na boca, rindo.

— Renzo, você foi bem hoje. Rápido no assvio. Vai pegar o jeito disso rapidinho.

Renzo, ainda recuperando o fôlego, olhou para as frutas. Parte dele se sentia culpado, mas outra parte — uma parte que ele não sabia que existia — sentia um pequeno orgulho.

— E agora? — perguntou ele.

Joe sorriu, satisfeito.

— Agora, garoto, a gente começa a mudar de vida. Uma fruta por vez.

A manhã já havia avançado quando Renzo, Joe e Packie saíram do prédio abandonado carregando caixas cheias de frutas frescas. O bairro pobre começava a ganhar vida, com crianças correndo pelas ruas e vendedores ambulantes gritando suas ofertas. As pessoas estavam acostumadas com barracas improvisadas nas esquinas, mas frutas tão frescas quanto as que eles carregavam eram raridade.

Joe, sempre confiante, caminhava à frente com um sorriso no rosto, como se fosse o dono do mundo. Packie seguia logo atrás, equilibrando duas caixas nos braços, enquanto Renzo trazia mais uma, tentando esconder sua apreensão.

— Primeiro, a gente vende onde a gente mora, aqui no bairro. Depois, a gente pensa em expandir — disse Joe, olhando para os lados.

Packie riu. — Expandir? Você acha que somos mercadores agora?

Joe deu de ombros. — Melhor pensar grande do que continuar comendo lixo.

Eles pararam em uma esquina movimentada, onde crianças brincavam com bolas feitas de trapos e adultos conversavam em pequenos grupos. Joe colocou a caixa no chão e começou a gritar como um comerciante experiente:

— Frutas fresquinhas! Maçãs, uvas, pêssegos! Melhor qualidade, direto da fazenda!

As pessoas começaram a se aproximar, curiosas. Uma senhora baixinha foi a primeira a falar:

— Quanto estão cobrando?

Joe sorriu. — Apenas cinco centavos por maçã, dona.

— Cinco centavos? — ela disse, arregalando os olhos. — Isso é um roubo!

Packie interveio, com o charme típico dele. — É o preço da qualidade, senhora. Olhe só essas frutas. Diferente do que vendem por aí.

A mulher hesitou, mas acabou comprando duas maçãs, enquanto outras pessoas do bairro se aproximavam. Logo, a pequena esquina se transformou em um mercado improvisado. Renzo ficou em silêncio, observando Joe e Packie negociarem com os clientes, sempre carismáticos, mas firmes nos preços. Ele percebeu que, mesmo em meio à pobreza, as pessoas estavam dispostas a pagar um pouco mais por algo de qualidade — e isso, de certa forma, fazia sentido para ele.

— Ei, garoto, tá pensando o quê? — disse Packie, cutucando Renzo com o cotovelo. — Ajuda aqui com as moedas.

Renzo pegou o pequeno saco de moedas que tinham trazido e começou a guardar o dinheiro que recebiam. Apesar da timidez inicial, ele se sentiu útil, parte do esquema.

Quando o sol começou a se pôr, as caixas estavam quase vazias, e o pequeno grupo estava visivelmente satisfeito. Joe contou o dinheiro enquanto caminhavam de volta para o prédio.

— Nada mal para um dia de trabalho — disse ele, mostrando as moedas reluzentes na mão. — Se fizermos isso toda semana, poderemos comer como reis.

Packie concordou, rindo. — E talvez até arrumar umas roupas decentes.

Renzo, porém, não conseguia afastar uma sensação estranha. Ele sabia que o que estavam fazendo não era certo, mas, ao mesmo tempo, não via outra saída.

— Renzo, tá tudo bem? — perguntou Joe, percebendo o olhar distante do garoto.

Renzo hesitou antes de responder:

— Só... só estou cansado.

Joe deu um tapinha nas costas dele. — Relaxa, garoto. Estamos só começando.

De volta ao prédio, eles dividiram o dinheiro e guardaram o restante das frutas em um canto fresco, planejando vendê-las no dia seguinte. Packie se jogou em um colchão rasgado e começou a comer uma maçã, enquanto Joe olhava pela janela quebrada.

Renzo, por sua vez, sentou-se no chão, encarando o dinheiro em suas mãos. Ele se perguntava se aquilo realmente era o começo de uma mudança ou apenas mais um passo para algo pior.

Joe olhou para ele e sorriu.

— Vai por mim, Renzo. Hoje foi só o começo. Amanhã, a gente vai ainda mais longe.

O ritmo das semanas seguintes foi frenético para Renzo, Joe e Packie. O trio se especializou nos roubos de caminhões que atravessavam os bairros ricos de Nova York. Eles começaram com cautela, observando os horários e padrões dos motoristas. Joe, com sua lábia natural, liderava o grupo, enquanto Packie e Renzo executavam os planos, cada um desempenhando seu papel com precisão.

Nas madrugadas, escondidos nas sombras de becos úmidos e mal iluminados, Joe desenhava rotas improvisadas no chão com pedaços de carvão.

— Este aqui, às terças-feiras, para na rua 23 por volta das seis da manhã — explicava ele, apontando para uma linha curva que representava o trajeto do caminhão. — Os motoristas nunca trancam as carrocerias, acham que ninguém vai ousar roubar em plena luz do dia. Packie ria. — É aí que a gente mostra que estão errados.

Renzo ouvia com atenção. Embora ainda carregasse resquícios de hesitação, o desespero pela sobrevivência e a influência de seus dois companheiros começaram a moldar sua postura.

Depois do primeiro mês, os roubos já não eram mais tão simples. A polícia começava a aumentar o patrulhamento, e alguns motoristas passaram a andar armados. Mesmo assim, o trio se adaptava.

— Precisamos de uma distração — sugeriu Packie, durante uma conversa à noite, no prédio abandonado.

Joe concordou. — Certo. Renzo, você vai na frente, bancar o garoto perdido. Faça o motorista parar para perguntar o que está fazendo no meio da rua. Quando ele descer, Packie e eu resolvemos o resto.

— E se ele não parar? — perguntou Renzo, preocupado.

— Ele vai parar — respondeu Joe, convicto. — Quem não para pra ajudar um garoto com cara de fome?

O plano funcionou. Na madrugada seguinte, Renzo, com as roupas rasgadas e sujas, parou no meio da rua, segurando um pequeno saco vazio. Quando o caminhão desacelerou e o motorista abriu a porta, Joe e Packie surgiram das sombras, rápidos como gatos, empurrando o homem para fora. Enquanto Packie cuidava do motorista, Joe e Renzo corriam para abrir a carroceria e pegar as frutas.

O trio era eficiente, mas nunca violento. Renzo, mesmo desconfortável com a vida que estava levando, sentia um alívio estranho ao perceber que Joe evitava confrontos que pudessem acabar em sangue.

Com o passar das semanas, as frutas roubadas começaram a aparecer em diversas esquinas dos bairros pobres. Renzo e seus amigos vendiam diretamente para pequenos comerciantes e feirantes locais, que não faziam perguntas sobre a origem dos produtos.

— Vocês são como Robin Hood — brincou um dos feirantes, ao pagar Joe por uma remessa de maçãs frescas.

Joe riu, mas não respondeu. Ele sabia que não estavam roubando para ajudar ninguém além deles mesmos.

Renzo, por outro lado, sentia um conflito interno. Parte dele queria acreditar que estavam fazendo algo bom, trazendo comida de qualidade para quem jamais poderia pagar pelos preços dos mercados dos bairros ricos. Mas outra parte sabia que estavam apenas mascarando o egoísmo com uma fina camada de altruísmo.

Renzo começou a mudar. Aos poucos, ele aprendeu a ser mais rápido, mais discreto e mais persuasivo. Quando antes hesitava em vender frutas ou negociar preços, agora já olhava diretamente nos olhos dos compradores, exigindo o pagamento justo.

Mas, apesar da confiança que estava adquirindo, algo nele permanecia intacto: o código de ética que herdara dos pais. Ele nunca roubava diretamente das pessoas ou mentia para enganá-las. Para ele, o crime era uma necessidade, não um estilo de vida.

Certa noite, depois de mais um dia de vendas bem-sucedidas, o trio se reuniu no prédio abandonado. Joe, como sempre, estava animado, contando moedas e planejando o próximo roubo.

— Estamos indo bem, pessoal. Mais algumas semanas assim, e poderemos comprar roupas novas. Talvez até alugar um quarto de verdade.

Packie gargalhou. — Quem precisa de um quarto quando tem isso aqui? — Ele apontou para as paredes descascadas e o chão imundo.

Renzo, porém, não riu. Sentado em um canto, ele encarava as maçãs restantes, iluminadas pela luz fraca de uma lamparina. Pensava nos pais, em como eles jamais aprovariam o que estava fazendo, mas também sabia que não havia outra opção.

— Ei, Renzo, o que foi? — perguntou Joe, percebendo o silêncio do amigo.

Renzo balançou a cabeça. — Só estou cansado.

Joe se aproximou e colocou a mão no ombro dele. — Descansa, garoto. Amanhã será um grande dia.

Renzo olhou para Joe e, pela primeira vez, viu nele mais do que um amigo: viu alguém que o estava moldando, para o bem ou para o mal. E, enquanto as moedas tilintavam na mão de Joe, Renzo sentiu que sua vida estava apenas começando.

## — Capítulo Oito —

### Finalmente algo nasceu

As ruas estavam quietas naquela madrugada. A névoa envolvia os prédios como um véu, abafando os sons e criando uma atmosfera tensa. Joe liderava o trio como de costume, sua confiança habitual disfarçando o fato de que algo parecia errado. Renzo seguia logo atrás, os braços cruzados contra o frio, enquanto Packie carregava uma expressão mais séria do que o normal.

— Este carregamento é grande, rapazes, se der certo, estamos feitos por um bom tempo — disse Joe, olhando para os dois. — Caminhão cheio de frutas fresquinhas, direto do porto.

— E se algo der errado? — perguntou Renzo, sua voz carregada de nervosismo.

Joe riu. — Relaxa, garoto. Está tudo sob controle.

Mas Renzo não conseguia relaxar. Desde que começaram com os roubos, ele aprendera a confiar na experiência de Joe e Packie, mas essa noite era diferente. O silêncio, os becos vazios, tudo parecia mais pesado do que o normal.

Eles chegaram ao local combinado — uma rua estreita entre armazéns, iluminada apenas por algumas lâmpadas enfraquecidas. O caminhão estava estacionado, como Joe previra, mas havia algo estranho: dois homens estavam próximos, aparentemente conversando, mas mantendo uma postura alerta.

— Eles estão de guarda? — sussurrou Renzo, franzindo a testa.

Joe estreitou os olhos. — É só fingimento. Dois caras não podem fazer nada contra nós.

Renzo hesitou, mas seguiu os amigos. O plano era simples: distrair os guardas enquanto Joe e Packie subiam no caminhão para pegar as frutas. Mas antes que pudessem se aproximar, o som de passos ecoou pela rua.

— Alto lá! — Uma voz autoritária gritou, e outros homens surgiram das sombras.

Renzo congelou. Era uma emboscada.

Os guardas sacaram armas, apontando para os três.

— Mãos ao alto! — ordenou um deles.

Joe levantou as mãos devagar, tentando manter a calma. — Calma, calma, não precisa disso.

Mas antes que pudesse dizer mais, Packie, que estava ao lado, sacou um revólver pequeno e atirou sem hesitação. O estampido foi ensurdecador, ecoando pela rua deserta. Um dos guardas caiu no chão, gritando de dor enquanto os outros se espalhavam, buscando cobertura.

Renzo ficou paralisado, o coração disparado. Ele nunca tinha visto uma arma tão de perto, muito menos alguém disparando contra outra pessoa. Tudo parecia em câmera lenta: o cheiro de pólvora, o grito de agonia do guarda, o som dos passos apressados.

— Corre! — gritou Joe, agarrando Renzo pelo braço.

Eles correram pelas ruas estreitas, com Packie ainda segurando o revólver e olhando para trás, pronto para atirar novamente se necessário. Os gritos dos guardas e o som dos tiros ecoavam ao longe, mas eles não pararam até estarem a uma distância segura.

Eles se esconderam em um beco escuro, ofegantes e cobertos de suor. Joe encostou-se na parede, tentando recuperar o fôlego.

— O que foi isso, Packie? — perguntou ele, furioso. — Desde quando você anda armado?

Packie deu de ombros, ainda segurando a arma. — Desde que percebi que precisamos nos proteger. Você acha que esses caras iam deixar a gente sair de lá vivos?

Renzo estava em silêncio, os olhos fixos no chão. Suas mãos tremiam, e o som dos tiros ainda ressoava em sua cabeça. Ele nunca imaginara que os roubos poderiam levar a isso.

— Renzo, você tá bem? — perguntou Joe, se aproximando.

Renzo levantou os olhos, ainda em choque. — Você sabia que ele tinha uma arma?

Joe balançou a cabeça. — Não.

— Isso não é o que combinamos... não foi isso que combinamos. — A voz de Renzo era um sussurro desesperado.

Packie bufou. — Cresce, garoto. Se quer sobreviver nessa cidade, vai ter que aceitar que o mundo não é justo. Ou você se protege, ou acaba como aqueles caras.

Renzo se afastou, encostando-se na parede do beco. Ele sentia o peso de tudo que acontecera, a sensação de que sua vida estava escapando de seu controle. Os ensinamentos de seus pais ecoavam em sua mente, misturados com as imagens dos guardas caindo ao chão.

— Não vai acontecer de novo — disse Joe, tentando acalmá-lo. — Da próxima vez, a gente faz do jeito certo.

Renzo apenas balançou a cabeça, mas algo dentro dele mudara naquela noite. Ele começava a perceber que, uma vez dentro desse mundo, sair não seria tão simples quanto imaginara.

Renzo andava sem rumo pelas ruas escuras de Nova York, tentando afastar o som dos tiros e os gritos que ainda ecoavam em sua mente. Suas mãos tremiam levemente, mas ele as enfiava nos bolsos do casaco, tentando esconder sua inquietação. A cidade parecia maior e mais opressiva do que nunca.

Dobrou uma esquina e avistou Serrano, parado sob a luz amarelada de um poste, fumando um charuto. Mesmo sozinho, o mafioso exalava uma presença intimidadora. Renzo hesitou, mas antes que pudesse dar meia-volta, Serrano o viu.

— Ora, ora, se não é o garoto esperto. — A voz de Serrano soou como um felino brincando com sua presa. Ele deu alguns passos em direção a Renzo, o charuto pendendo entre os dentes.

Renzo parou, sentindo o suor frio escorrer pela nuca. Ele sabia que Serrano não era o tipo de homem que cruzava seu caminho por acaso.

— O que você quer? — perguntou Renzo, tentando soar mais firme do que se sentia.

Serrano riu, um som baixo e carregado de ameaça. — Eu sei o que você fez, garoto. Acha que a cidade não tem olhos? Eu sei tudo sobre o pequeno showzinho de vocês hoje. Os guardas feridos, os tiros... você e seus amigos têm talento para atrair problemas.

Renzo endureceu a expressão, mas não respondeu.

— Vou direto ao ponto. — Serrano deu mais um passo, aproximando-se o suficiente para que Renzo sentisse o cheiro forte de tabaco. — Se você não pagar o que me deve, garoto, eu te entrego à polícia. Simples assim.

Renzo ficou imóvel, encarando Serrano. Ao ouvir essas palavras algo surgiu na mente de Renzo.

Uma expressão peculiar cruzou seu rosto — uma mistura sutil de calma e algo que beirava o triunfo. Seus olhos escureceram, e um leve erguer de sobrancelha sugeriu que havia algo que Serrano não sabia.

Serrano estreitou os olhos, confuso. Ele não conseguia decifrar o que havia naquela expressão, mas não gostou do que sentiu.

— Tá rindo de quê, moleque? — perguntou Serrano, o tom mais áspero.

Renzo fez uma pausa antes de responder, olhando Serrano diretamente nos olhos.

— Não tô rindo. Só acho que acabei de entender um negócio.



Serrano franziu o cenho, visivelmente irritado. Ele se aproximou mais, o charuto quase tocando o rosto de Renzo.

— Vou te dar uma chance, garoto. Se não pagar o que me deve, vou te entregar pra polícia e ninguém mais vai te proteger.

Renzo permaneceu em silêncio por um momento, como se estivesse ponderando a situação. Depois, com uma calma que surpreendeu até a si mesmo, falou. — Então, o que você quer, Serrano?

Serrano exalou uma risada baixa e fria.

— Quero 200 dólares, amanhã. E, se você quiser sair dessa sem mais problemas, vai me entregar esse dinheiro ou já sabe o que acontece.

Renzo ficou em silêncio por um momento, absorvendo a ameaça. Um sorriso cínico se formou em seus lábios enquanto ele balançava a cabeça lentamente.

— Tá bom, amanhã eu te entrego o dinheiro. — Sua voz era firme, mas com um tom quase desinteressado. — Mas fica tranquilo, Serrano. Não vou fugir de você.

Serrano o encarou com olhos desconfiados, como se esperasse algum tipo de truque. Mas Renzo manteve a postura, o olhar imperturbável.

— Eu espero que você não esteja me fazendo de idiota, garoto. — Serrano rosnou.

Renzo deu um pequeno sorriso, sem mostrar emoção.

— Não se preocupe. Amanhã, você terá o que quer.

Serrano, ainda com uma expressão de dúvida, acenou com a cabeça, quase como se estivesse fazendo um favor.

— Vamos ver. Não me faça esperar.

Renzo virou-se e começou a andar em direção à rua mais movimentada, sentindo o peso da ameaça nas costas. Mas por dentro, havia algo em sua mente, algo que se acendia a cada passo. Ele estava começando a entender a lógica desse jogo sombrio em que se metera.

E, como se soubesse o que estava por vir, um leve sorriso se formou em seus lábios. O jogo ainda não havia terminado. Ele apenas começara a jogá-lo.

Renzo caminhava pelas ruas do bairro, o som das suas botas ecoando nas ruas desertas enquanto o peso da ameaça de Serrano ainda o pressionava. Ele não sabia exatamente como havia chegado a esse ponto, mas sabia que estava cada vez mais preso nesse jogo de poder. Seu corpo, embora cansado, estava alerta, como se tudo à sua volta estivesse mudando, como se o ar estivesse mais pesado, mais denso.

Quando chegou ao prédio abandonado, encontrou o silêncio que sempre o acompanhava. A escuridão do lugar era quase absoluta, exceto pela fraca luz que entrava por uma janela quebrada. Era o tipo de silêncio que ele aprendera a respeitar, mas que agora o incomodava mais do que o acalmava.

Ele entrou com passos cautelosos, tomando cuidado para não acordar ninguém. Packie e Joe estavam lá, já em seus colchões improvisados no canto do quarto sujo e escuro. O cheiro de mofo e o ambiente abafado tornavam o local ainda mais opressor. Mas Renzo estava acostumado com isso.

Ele se aproximou da cama de Packie, onde o revólver estava descansando ao lado do colchão. Packie não parecia se importar com a arma. Naquela vida, ela era apenas uma ferramenta a mais, assim como o bolso de um casaco ou uma faca na cintura. Mas para Renzo, naquele momento, a arma era algo diferente.

Com as mãos trêmulas, ele pegou o revólver. O metal gelado de sua superfície fez seu corpo se arrepiar enquanto ele o segurava, analisando a arma como se fosse uma parte de algo maior que ele ainda não compreendia completamente. Ele sentiu o peso do revólver, não apenas físico, mas o peso de tudo o que ele representava: poder, medo, e uma linha tênue entre a sobrevivência e a morte.

Fechando os olhos por um momento, Renzo passou o revólver pela linha do seu rosto, sentindo o metal frio em sua pele, enquanto respirava fundo. O som da respiração parecia ensurdecedor na quietude do quarto. Ele sabia que não poderia voltar atrás. Estava se afundando cada vez mais nesse mundo imerso em violência e promessas quebradas. Mas, por mais que tentasse fugir, ele sentia que a escolha já não era mais dele.

O frio do metal o trazia de volta à realidade. Ele olhou para o revólver mais uma vez antes de colocá-lo de volta no lugar. Em sua mente, um turbilhão de pensamentos se formava, mas nada parecia claro. Só o peso de cada decisão que tomara até ali. O peso da vida que agora carregava nas costas.

Renzo se deitou em seu colchão, o som da sua respiração profunda preenchendo o silêncio ao redor. Seus pensamentos estavam desordenados, mas ele sabia que precisava descansar, que precisava da energia para o que viria no dia seguinte. A noite caía, e ele, mais uma vez, se entregava ao descanso em meio à escuridão, os fantasmas de seu passado e os desafios do futuro se misturando em seu subconsciente.

Naquele quarto abafado e imundo, cercado por seus novos "companheiros" de crime, Renzo não conseguia fugir da sensação de que sua vida estava sendo moldada por forças além do seu controle. Mas ao menos, naquele momento, ele se permitiu fechar os olhos e tentar esquecer, nem que fosse por um breve instante, a pressão do mundo lá fora.

## — Capítulo Nove —

## Acabou.

O restaurante estava vazio, com apenas uma mesa ocupada no canto, onde Renzo aguardava, nervoso. O cheiro do café fresco e o som baixo de talheres no fundo ecoavam pela sala. Ele estava vestido de forma simples, mas ainda assim mais arrumado do que o habitual, tentando se manter calmo. Sabia que o encontro com Serrano era inevitável, e que aquele seria o primeiro passo real na sua entrada para o jogo de poder que ele temia, mas agora não via saída.

Quando a porta se abriu, o som dos passos de Serrano ecoaram. O mafioso entrou sozinho, seu porte imponente contrastando com a atmosfera silenciosa do local. Seus olhos, escuros e calculistas, passaram rapidamente por Renzo, que se levantou, com um leve movimento, antes de voltar a se sentar.

Serrano foi direto ao ponto, sem cumprimentos, sem rodeios.

— Eu espero que tenha trazido o que é devido, menino. — Sua voz era profunda, grave, sem pressa.

Renzo, com uma sensação de ansiedade apertando seu peito, puxou a pequena sacola de dinheiro que trazia consigo. Estava mais nervoso do que gostaria de demonstrar, mas ele sabia que precisava manter a compostura. Ele a colocou lentamente sobre a mesa, abrindo-a com cautela.

— Aqui estão os 90 dólares — disse ele, tentando manter a voz firme, mas seu olhar traiu uma inquietação.

Serrano olhou a quantia com uma expressão de desdém. Ele pegou os 90 dólares, observando-os brevemente, como se quisesse medir a substância de cada cédula.

Por um momento, Renzo sentiu seu coração bater mais rápido. Ele não sabia como Serrano reagiria. A tensão era palpável no ar, como se o tempo tivesse desacelerado.

Mas, para sua surpresa, Serrano soltou uma risada baixa e abafada, a risada de alguém que está acostumado a ver os outros se contorcendo diante dele. A risada não era de desespero, mas sim de compreensão. Ele parecia quase satisfeito.

— Você fez uma escolha certa, garoto — disse Serrano, guardando os dólares na sua jaqueta. — Se submeter a mim não é um sinal de fraqueza. Pelo contrário, é um sinal de inteligência. Entendeu?

Renzo tentou disfarçar, mas havia algo em seu olhar, um pequeno lampejo de triunfo. Ele sabia que tinha jogado o jogo dele. Não precisaria pagar tudo o que Serrano queria agora. Havia algo em sua mente que o fazia acreditar que aquele momento era uma pequena vitória. Mas, como uma sombra, ele tentou disfarçar esse sentimento, forçando-se a manter o semblante neutro.

Serrano, sem perceber ou talvez ignorando o brilho de vitória nos olhos de Renzo, levantou-se da mesa. Sua postura ainda impunha respeito, e antes de sair, ele parou por um instante, olhando diretamente para Renzo.

— Só não se esqueça de que você ainda me deve, garoto. Mas, por enquanto, você fez certo. Fique de olho em quem o rodeia, porque o jogo está apenas começando. — Ele fez uma pausa e, em seguida, acrescentou, quase como um aviso. — Nos vemos em breve.

Enquanto Serrano saía do restaurante, Renzo olhou para a porta, observando o mafioso sair. Porém, ao mesmo tempo, notou, de longe, a presença de Packie, e Joe, estavam seguindo Serrano. Eles caminhavam rapidamente, suas silhuetas se destacando na rua iluminada pelas lâmpadas da cidade. Renzo não desviou seu olhar sério.

Quando a porta se fechou, Renzo sentiu a presença deles aumentar. Ele permaneceu ali, na mesa, sozinho. O café ainda estava quente, e ele o tomou em silêncio, absorvendo a situação e o que ela significava. O ambiente do restaurante, normalmente calmo, parecia agora opressor, como se a pressão sobre seus ombros tivesse aumentado de alguma forma. Ele não sabia o que o futuro lhe reservava, mas ali, sozinho, com a xícara nas mãos e os pensamentos inquietos, ele sentia que algo havia mudado em sua vida, algo irreversível. Ao terminar seu café, Renzo se recostou na cadeira e olhou para o fundo da sala. O reflexo dos seus próprios olhos no vidro da janela lhe parecia estranho. Algo havia nascido ali, algo que não poderia mais ser apagado.

Ele olhou mais uma vez para a porta, onde Serrano desaparecia na rua. O jogo estava, de fato, apenas começando. E Renzo, sem saber ao certo o que o aguardava, não pôde deixar de se perguntar até onde ele estava disposto a ir para sobreviver nesse mundo que agora o envolvia.

Renzo ficou por um momento em silêncio, observando o último gole de café descer pela xícara, sentindo o calor do líquido percorrendo sua garganta. A atmosfera no restaurante havia voltado ao normal, mas o peso de tudo o que acontecera ainda o envolvia. Ele tentava processar a reunião com Serrano, o sentimento de vitória misturado com um medo latente. Algo dentro dele o dizia que as coisas estavam fora de controle, mas ele não sabia exatamente o quê.

Foi quando a porta do restaurante se abriu novamente. A campainha da entrada tilintou suavemente, e, ao olhar para cima, Renzo reconheceu a figura de Packie entrando com passos rápidos. Ele estava com uma expressão séria, os olhos focados em Renzo. Não havia mais espaço para sutilezas.

— Encontramos a casa de Serrano — disse Packie, já se aproximando da mesa. — Joe está esperando você lá. Vai ser agora.

Renzo não respondeu imediatamente, mas seu olhar se firmou, e seu corpo se endireitou. Sem pressa, ele sorveu o café, mais calmo do que se sentia. Ele sabia exatamente o que queria, e a maneira como os acontecimentos estavam se desenrolando só confirmava sua convicção de que estava no caminho certo.

Packie, ciente de que Renzo estava processando tudo, aproximou-se mais. Seu tom foi direto, como se quisesse oferecer um aviso sem doçura.

— Espero que saiba o que está fazendo, garoto — disse ele, com um toque de preocupação. — Não estamos falando de qualquer pessoa aqui. Esse jogo é sujo.

Renzo olhou para Packie, ainda com a xícara em mãos, sua expressão impassível. Deu um leve sorriso que parecia mais uma linha reta. Não precisava de mais palavras. O que queria dizer estava claro nos seus olhos, que agora estavam firmes como nunca.

— Eu sei o que estou fazendo — respondeu com calma, sua voz carregando uma certeza que fazia Packie se conter por um instante. A seriedade de Renzo não era mais a de um novato, mas de alguém que estava se tornando o centro da operação.

Packie permaneceu parado por um momento, observando, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Renzo já estava se levantando da cadeira, com a postura de quem sabe exatamente para onde vai. Ele deu uma última olhada para a mesa, pegou o seu casaco e se dirigiu para a porta.

Packie o seguiu, mas desta vez com uma leve hesitação no andar, como se algo tivesse mudado. Renzo não era mais apenas o garoto da rua. Ele agora carregava a aura de quem detinha o controle da situação. Quando ambos saíram do restaurante, a porta se fechou atrás deles com um estalo que ecoou no ar.

A noite estava fria e densa, a rua mal iluminada, quase silenciosa, com os passos de Renzo ecoando no asfalto de forma decisiva. Ele caminhava à frente de Packie, e, embora o ambiente fosse sombrio e silencioso, havia algo diferente em Renzo. A maneira como

seus passos ressoavam mais firmemente que antes, como se cada movimento fosse medido, pensava-se em silêncio, mas com uma confiança que não havia antes. Ele tinha um pequeno sorriso, discreto, mas carregado de triunfo. Packie notou, mas não entendeu. Não sabia o que passava pela cabeça do garoto, mas algo lhe dizia que aquele Renzo não era o mesmo de antes.

Eles passaram por becos escuros e prédios antigos até chegarem a um conglomerado de apartamentos apertados e sujos. As luzes dos postes eram fracas, e o ar estava impregnado de um cheiro de umidade. No fim da rua, na entrada de um prédio simples e decadente, Joe estava sentado, esperando, com uma expressão impaciente.

— Ah, demoraram, hein? — disse Joe, ao vê-los se aproximando. Seu tom era descontraído, mas sua postura mostrava que ele estava ansioso para a ação.

Renzo e Packie chegaram mais perto, mas Renzo permaneceu em silêncio. Joe olhou de relance para o comportamento estranho do garoto, como se algo estivesse diferente nele. Ele apontou para Renzo e depois para Packie, tentando entender o que estava acontecendo.

— O que aconteceu com esse garoto, Packie? — perguntou Joe, com um sorriso desconfiado.

Packie deu de ombros, visivelmente sem respostas também. Ele não conseguia entender o que estava se passando com Renzo, mas o comportamento dele parecia... diferente.

Renzo, percebendo a curiosidade deles, virou-se lentamente para os dois. Seu sorriso ainda estava lá, mas era uma expressão desconcertante, carregada de algo que os outros dois não conseguiam identificar.

— Se alguém quiser subir, não deixem — disse Renzo, com uma voz tranquila, mas determinada.

Eles concordaram, ainda sem entender, mas não disseram mais nada. Packie e Joe trocaram olhares confusos, e Renzo começou a subir as escadas de ferro enferrujadas do prédio. Seus passos eram firmes e rápidos, ecoando na escada vazia enquanto os dois o seguiam, sem questionar mais. Havia algo em Renzo que os fazia obedecer, algo silencioso e impositivo.

Quando Renzo chegou ao topo da escada, ele parou por um momento, ficando em silêncio. A porta do apartamento de Serrano estava ligeiramente entreaberta, e ele podia ouvir vozes vindo de dentro. Eram conversas rápidas, em italiano, misturadas com alguns gritos abafados. O som estava abafado, mas ele conseguiu distinguir as palavras: a voz de uma mulher, severa e fria, e a voz de Serrano, mais fraca, quase submissa.

A mãe de Serrano estava discutindo com ele, falando em um tom rude, cheio de desprezo. Renzo pôde ouvir as palavras de reprovação dela, que não parava de xingar o filho, chamando-o de fracassado e inútil.

— Sempre me decepcionando, sempre fazendo vergonha para nossa família — ela dizia, a raiva evidente em cada palavra.

Serrano, que em outras ocasiões mostrava toda a sua impiedade, parecia agora submisso, sem forças para confrontar a mulher. Ele falava baixo, tentando se defender, mas a mãe não dava ouvidos. Renzo permaneceu imóvel, ouvindo tudo do outro lado da porta, sua respiração lenta e controlada, absorvendo o que acontecia ali. Ele percebeu que a humanidade de Serrano, o homem impiedoso e temido por todos, tinha falhas profundas, e esse confronto com sua mãe era uma delas.

Renzo sabia que a hora de agir estava próxima. Ele deu um passo à frente, com sua postura firme, e bateu na porta, quebrando o silêncio da cena.

A porta se abriu, revelando a mãe de Serrano, que estava em pé diante dele. Ela o olhou com desconfiança, seus olhos cruéis examinando o garoto à sua frente. Ela tinha um sotaque forte, uma mistura de italiano com a língua local de Renzo, e falou sem cerimônia:

— O que você quer, garoto?

Renzo não se intimidou. Com um olhar direto e sem hesitação, ele respondeu calmamente:

— Preciso falar com Serrano.

A mãe do italiano encostou a porta e deu um grito esganiçado.

Após um breve momento a porta se abriu lentamente, e Renzo viu Angelo Serrano. O mafioso estava na entrada, com um olhar frio e calculista, mas, ao ver Renzo, seu semblante endureceu.

— O que você quer aqui, garoto? — ele perguntou, sua voz áspera e autoritária.

Renzo não respondeu. Ele sabia exatamente o que precisava fazer. Sem hesitar, sua mão se moveu rapidamente para trás, deslizando pelas calças até alcançar a arma de Packie. Com um gesto rápido e decisivo, ele sacou o revólver e, em um único movimento, disparou.

A primeira bala foi certa, atingindo o lado esquerdo do peito de Serrano. O som do tiro ecoou pelo corredor, e o impacto foi imediato. O sangue jorrou, e o homem titubeou por um instante, quase caindo, mas Renzo não deu tempo para ele reagir. Ele disparou novamente.

A segunda bala atingiu o pescoço de Serrano. O som foi abafado, mas o impacto fez com que o mafioso cambaleara para trás, as mãos se esticando para o pescoço, tentando conter o sangramento, mas era tarde demais. A vida estava se esvaindo dele rapidamente, e ele caiu, mais pesado no chão, a expressão no rosto uma mistura de dor e incredulidade.

Renzo, impassível, disparou uma terceira vez. A bala atravessou a testa de Serrano. A explosão do crânio foi brutal e violenta, e o corpo do mafioso caiu com um estrondo pesado no chão, inerte, a última fagulha de vida se apagando rapidamente.

Renzo não se mexeu, não demonstrou emoção. Ele simplesmente observou o corpo de Serrano, agora imóvel, o sangue espalhado pelo chão. O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor.

O som dos passos de Joe e Packie ecoou no corredor, e logo os dois apareceram na porta, parando abruptamente ao ver a cena. Seus olhos se arregalaram diante da visão do corpo de Serrano e da frieza de Renzo. Não havia palavras, apenas a sensação de choque e uma tensão palpável no ar.

Renzo, sem olhar para trás, guardou o revólver com a mesma calma com que o havia usado, como se fosse uma simples rotina. Ele então se virou para os dois, seu olhar sem emoção, sua voz calma e sem arrependimentos.

— Acabou.

## — Capítulo Dez —

# Luciano Clemenza

Alguns meses se passaram desde o fatídico encontro com Angelo Serrano. O nome de Renzo agora estava sendo sussurrado em toda a cidade, em becos e tavernas, nas esquinas de mercados e entre os mais antigos das ruas escuras de Nova York. O menino que matara o homem mais temido da cidade. A história se espalhou rapidamente, e, em pouco tempo, o nome de Renzo deixou de ser apenas um sussurro. Tornou-se uma lenda.

O respeito que ele começou a receber foi imediato. Mais do que o respeito de quem tem medo, era o respeito de quem sabia que ele não era alguém com quem se podia brincar. Seu nome passou a ser procurado, e pedidos começaram a chegar até ele. Inicialmente, eram pequenas demandas — pessoas querendo favores simples, dívidas sendo cobradas, inimigos sendo afastados. E Renzo, com uma calma impressionante, ouvia e fazia, sempre deixando claro que não fazia favores de graça.

— Eu fiz isso porque estou em dívida com você. Mas um dia, quando eu irei te achar. — Ele dizia com um olhar calculista, uma voz firme e serena, como se fosse o homem mais velho na sala.

Embora tivesse apenas 17 anos, sua postura, seu comportamento, sua maneira de falar e agir faziam-no parecer muito mais velho. Ele tomava decisões como se fosse um veterano das ruas, com a frieza de um homem acostumado a comandar. Seu império ainda estava em sua infância, mas os alicerces já estavam sendo bem cimentados, e o respeito estava crescendo.

Packie e Joe estavam ao seu lado, ajudando a gerenciar o que, até pouco tempo atrás, parecia ser apenas um projeto de vida marginal. Mas agora, com Renzo à frente, a dinâmica mudou. Eles não apenas trabalhavam para ele; estavam junto a ele na construção do que parecia ser o começo de algo grande. Packie era a força bruta, sempre disposto a colocar a mão na massa quando necessário. Joe, por outro lado, era mais persuasivo, sempre cuidando das negociações e sabendo como mexer com as palavras para garantir que os negócios prosperassem. Juntos, eles eram uma máquina bem azeitada.

E foi com o tempo que novos rostos começaram a aparecer. Jovens, como Renzo, que viam nele uma oportunidade de ascender, de se tornar alguém importante. Viam a maneira como ele lidava com a situação e, de forma quase automática, queriam fazer parte de seu círculo. Alguns procuraram Renzo com um pedido claro: queriam trabalhar para ele, serem parte de seu império crescente.

— Eu ouvi falar de você, garoto. Dizem que você... que você resolveu um problema que ninguém mais teria coragem de resolver. Eu quero trabalhar para você. — Um desses rapazes, de no máximo 19 anos, disse em um encontro em um bar sujo no centro da cidade, sua voz nervosa, mas com um brilho de respeito em seus olhos.

Renzo, sentado na ponta da mesa, olhou o rapaz sem se mover. Ele sabia exatamente como jogar esse jogo. Sabia que sua posição de poder não era apenas pelo medo que causava, mas pela confiança que construía. Ele olhou para o rapaz por alguns segundos, silencioso, antes de dar a resposta.

— Você quer ser parte de algo maior do que isso, então mostre que é mais do que um simples garoto de rua. Prove que tem o que é necessário, que está disposto a pagar o preço. Caso contrário, não faz sentido. — Disse Renzo, sua voz calma e autoritária, um comando disfarçado de sugestão. Ele não falava como um jovem de 17 anos, mas como alguém muito mais velho, com mais vivência do que deveria ter.

O garoto não hesitou. Ele aceitou as palavras de Renzo com um aceno de cabeça, entendendo que aquilo era uma oportunidade única, um passo em direção ao poder, e logo

se juntou ao pequeno grupo de jovens dispostos a fazer qualquer coisa para ganhar seu lugar ao lado de Renzo.

O que começou com pequenos favores logo virou uma rede de pessoas leais e respeitadas. Renzo não só conquistou respeito, mas também um certo medo. Os moradores dos bairros mais ricos começaram a falar dele, e os comerciantes, antes altivos, agora o viam com uma reverência silenciosa, conscientes de que, se algo acontecesse de errado, Renzo seria a última pessoa com quem se deveria cruzar.

Certa noite, na sala escura e abafada de seu apartamento que dividia com Packie e Joe, o telefone tocou. Renzo atendeu e ouviu uma voz rouca do outro lado, de um homem claramente nervoso.

— Eu preciso de ajuda. Eles estão atrás de mim, eu... eu não posso mais ficar aqui. Você é a única pessoa que pode me salvar. — O homem implorava, sua voz cheia de desespero. Renzo, com calma, escutou atentamente. Depois de alguns segundos, ele respondeu com frieza, como se tudo aquilo fosse uma conversa trivial.

— Eu posso ajudar você. Mas a um preço. — Sua voz era tão calma quanto o som de uma lâmina deslizando na carne.

O homem do outro lado da linha engoliu em seco, temeroso, mas aceitou. Sabia que Renzo era imbatível. Ele agora não só comandava a rua, mas também a mente dos que buscavam sua proteção. E com esse poder crescente, Renzo já sabia que a verdadeira luta estava apenas começando.

No dia seguinte, Renzo estava na rua do mercado, comprando algumas frutas para o estoque quando o som de pneus rangendo interrompeu o zumbido das conversas e do movimento da rua. O carro preto apareceu atrás dele, deslizando suavemente até estacionar, como se estivesse a espera de alguém. O veículo, grande e imponente, parecia ter uma presença inusitada no cenário simples do mercado.

Renzo sentiu algo estranho no ar. Ele virou para ver o carro e, então, a porta do motorista se abriu. Um homem alto e de aparência imperturbável saiu do carro. Ele era branco, vestido com um terno preto impecável, a gravata perfeitamente alinhada, o corte do cabelo sempre arrumado, como se estivesse pronto para uma reunião importante em qualquer lugar do mundo. O homem parecia em controle total da situação, como se nada, nem mesmo o caos da cidade, o afetasse.

Ele olhou para Renzo, que, por instinto, não demonstrou nenhum medo. Sabia que havia algo diferente naquele homem. Ele se aproximou, e, com um leve sorriso, falou:

— Renzo, certo? Ouvi muito sobre você.

Renzo não respondeu de imediato. Apenas observou o homem com uma expressão tranquila, e, por fim, respondeu com um simples aceno. O homem percebeu o olhar calculista do garoto, a maneira como ele não parecia intimidado, e isso fez com que ele sorrisse, como se estivesse gostando do que via.

— Preciso conversar com você. — disse o homem, com uma voz suave, mas que carregava uma autoridade inegável. — Entre no carro. Não vamos ficar aqui muito tempo. Sem hesitar, Renzo caminhou até o carro e entrou, fechando a porta atrás de si. O homem entrou também, e o carro logo se afastou, mergulhando nas ruas escuras da cidade, como se fosse uma viagem que já estava predestinada. A conversa, silenciosa até aquele momento, começou quando o carro se afastou do movimento caótico da cidade.

— O nome é Luciano Clemenza. — o homem se apresentou, olhando para Renzo com um olhar atento. — Eu sou o que pode se chamar de um... facilitador de negócios. Sei o que você fez, garoto, e você tem uma boa cabeça. Uma cabeça fria, sem medo, sem hesitação. E foi isso que me chamou a atenção.



Renzo, com calma, manteve o olhar no homem, atento a cada palavra. Ele sabia que esse tipo de encontro não era apenas casual. Os negócios, o poder, tudo estava sendo observado de perto.

— Eu tenho interesses na cidade. — Luciano continuou, suas palavras fluindo como uma melodia planejada. — Uma área que ainda não consegui explorar completamente. E você... você parece ser alguém que sabe como movimentar as coisas por aqui. Eu soube do que aconteceu com Angelo Serrano, e posso ver que você tem mais do que a rua pode oferecer sozinho. Você pode ser útil para a expansão de meus negócios. Me diga, você quer crescer? Quer ser grande?

Renzo sentiu a tensão no ar. Ele sabia exatamente o que isso significava. O jogo estava mudando novamente, e agora ele não era mais o garoto das ruas tentando sobreviver. Ele estava diante de um homem grande, alguém que operava nas sombras e que, agora, queria que Renzo fizesse parte de algo maior.

Ele olhou para Luciano, com a mesma calma de sempre, e respondeu, em um tom que parecia mais velho do que sua idade indicava:

— Todos queremos, Don Clemenza. Todos queremos.

Luciano sorriu, como se estivesse esperando aquela resposta. Ele se acomodou no banco, olhando com uma expressão de aprovação, mas com algo mais nas palavras que se seguiam.

— Primeira lição então, garoto. — Luciano disse, com a voz mais grave e intensa, sem desviar o olhar. — Desapegue de seu coração. Esse mundo... esses negócios... são duros e difíceis. Quem tem um coração, não aguenta e pula fora. Se você quiser crescer de verdade, e não apenas ser mais um no caminho, vai ter que aprender a não deixar o coração atralhar. Não há lugar para fraqueza. Lembre-se disso.

O carro de Luciano Clemenza continuou a deslizar pelas ruas do bairro de Renzo, dentro do veículo, o silêncio pairava, mas não era um silêncio de desconforto. Era o tipo de silêncio em que cada palavra dita carregava um peso que ambos compreendiam bem.

Luciano se reclinou no banco, olhando fixamente para o vidro do carro. Sua expressão permanecia séria, mas seus olhos, sombrios e calculistas, observavam cada movimento de Renzo. Ele havia feito a sua oferta. Agora, ele queria ver até onde o garoto chegaria para alcançar o que queria.

Renzo, por sua vez, parecia sereno, como sempre. Não havia pressa em suas palavras, nem ansiedade. Ele sabia o que estava em jogo, mas também sabia que o jogo não se jogava com pressa. Não quando você estava no controle.

Finalmente, Luciano virou a cabeça para ele. O olhar que trocou com Renzo era como o de um predador examinando sua presa, mas havia um respeito implícito ali. Ele sabia que o garoto não era como os outros que havia encontrado. Renzo tinha algo mais. Algo que Luciano queria usar, se fosse possível.

— Sabe, garoto, não gosto de perder tempo. — começou Luciano, sua voz profunda e calma. — E, como já disse, eu posso ajudá-lo a crescer. Expandir seus horizontes. Mas isso tem um preço, é claro. Não faço nada sem garantir que todos os lados saiam ganhando.

Renzo olhou para ele com um sorriso discreto, mas de entendimento. Ele sabia que essa conversa não era sobre generosidade. Não existia ajuda sem algum tipo de retorno. Luciano Clemenza não era um homem que fazia negócios por simpatia.

— Eu também não sou de perder tempo, Don Clemenza. — respondeu Renzo, sua voz firme, mas cheia de respeito. — Eu entendo como as coisas funcionam. E sei que cada favor tem um preço. Mas, a questão é: qual é o preço que você quer por essa ajuda?

Luciano soltou uma risada baixa, quase imperceptível, antes de responder.

— Eu gosto de você, garoto. Não é qualquer um que sabe como lidar com as palavras. A questão aqui, Renzo, é que você tem algo que eu quero. E eu tenho algo que você precisa.

— Luciano fez uma pausa, seus olhos agora fixos nos de Renzo, sem desviar. — Eu tenho os recursos, as conexões, a rede que você precisa para crescer mais rápido do que qualquer um nessa cidade. Mas o que você não tem... é a disciplina. O poder real. Esse tipo de coisa... não vem sozinho. Eu vou lhe dar as ferramentas. Eu vou lhe ajudar a expandir seus negócios. Mas, em troca, você vai ter que me ajudar com algo. Algo simples, mas que vai garantir que você nunca mais seja apenas um garoto das ruas. Você será algo maior. Um homem poderoso.

Renzo não se mexeu, não olhou para os lados. Apenas manteve os olhos fixos em Clemenza, como se medisse suas palavras.

— E o que você precisa, Don Clemenza? — perguntou ele, o tom sério, sem hesitação.

Luciano olhou para ele, observando cada reação. Ele sabia que, para Renzo, a ideia de poder não era novidade. O garoto tinha uma fome imensa por isso, mas ainda precisava aprender o custo real.

— Quero que você me ajude a tomar o controle desta parte da cidade. — Luciano respondeu finalmente, com a voz carregada de autoridade. — Os meus negócios estão se expandindo. Eu tenho pessoas em todas as partes, mas há algo que me impede de conquistar completamente este território. E você, garoto, você tem algo que ninguém mais tem aqui: a admiração. O respeito. E o medo. Eu vou lhe dar os recursos, mas você vai garantir que meu nome seja temido em todos os cantos. Seu nome, Renzo, vai ser o que ecoa nas ruas, mas vai ser o meu que vai estar por trás disso. O que você me diz?

Renzo não hesitou. Ele sabia que isso era o que ele queria. Mas também sabia que ele precisava ser astuto. Não podia apenas aceitar a oferta sem deixar claro que ele, também, tinha seu próprio poder.

— Eu sei que posso te ajudar, Don Clemenza. — respondeu ele, a voz calma, mas com um toque de desafio. — Mas saiba que eu não faço nada sem garantir que haja benefícios para os dois lados. Não sou apenas um peão nesse jogo. Se eu entrar, eu entro com tudo. E o que você me oferece... tem que ser algo que me permita crescer e conquistar, não apenas servir aos seus interesses. Eu não sou apenas um garoto. E você sabe disso.

Luciano o observou com atenção, seus olhos estreitando-se ligeiramente. Ele estava vendo o que queria ver. Renzo estava sendo ousado, mas sabia como lidar com isso.

— Eu nunca subestimei você, Renzo. Nunca. — Luciano disse, sua voz mais suave agora, mas ainda carregada de poder. — Mas, a lição que vou te ensinar, garoto, é simples. O poder real não vem de ser o mais inteligente, ou o mais forte. O poder vem de saber quem você pode controlar, e quem não pode. Saber quando agir e quando esperar. Você vai aprender isso.

Renzo permaneceu em silêncio por um momento. Ele sabia que essa conversa estava mais para uma dança do que para um debate. Ambos estavam calculando os próximos passos. Mas, no final, ele sabia que estava prestes a fazer um movimento que mudaria tudo.

— Está bem. — Renzo disse finalmente, com um tom firme. — Mas lembre-se, Don Clemenza, você só tem um jogo para jogar comigo. E será o meu. Eu vou crescer, mas faremos isso do meu jeito.

Luciano sorriu, um sorriso que misturava aprovação e desafio.

— Eu gosto do seu estilo, Renzo. — ele disse, enquanto o carro se aproximava de seu destino. — Não se esqueça da primeira lição, garoto. Desapegue do coração. O resto, você vai aprender. E quando aprender, estará pronto para ser grande.

Renzo não respondeu imediatamente. O carro parou, e o silêncio tomou conta novamente. Mas, dentro de si, ele sabia que estava mais perto de seu destino do que nunca.

Luciano Clemenza havia visto nele o que ele queria ver. E Renzo sabia que, por mais que essa aliança fosse arriscada, seria a chave para destravar tudo o que ele sempre quis. O poder real.

Renzo estava pronto para isso.

## — Capítulo Dez —

### O Prato que se come quente voltou

Quatro anos haviam se passado desde que Renzo dera os primeiros passos em direção ao poder. Agora, aos 21 anos, ele não era mais apenas um garoto com ambição. Ele era chamado de *Don Renzo*, e seu nome ecoava pelas ruas, não apenas em sua cidade, mas em círculos maiores de poder. Ele havia transformado sua pequena operação em um império crescente, com Packie e Joe ao seu lado, leais como sempre, mas agora reverenciando-o como mais que um amigo — como um líder.

O ar naquela noite estava pesado, úmido, carregado com a tensão de um encontro importante. Renzo, Packie e Joe estavam sentados em um salão discreto no andar de cima de um antigo cassino, à espera de Luciano Clemenza. As cortinas eram grossas e fechadas, abafando os sons das ruas abaixo, enquanto o brilho tênue de um lustre barato lançava sombras sobre o rosto de Renzo. Ele estava sentado à mesa central, com um copo de vinho na mão, mas sem beber.

Packie e Joe, por outro lado, estavam inquietos.

— Será que ele se perdeu no caminho? — Packie resmungou, jogando um amendoim para cima e pegando-o com a boca. — Ou quem sabe o grande Don Clemenza decidiu que o garoto prodígio não vale mais o tempo dele?

Joe riu, mas Renzo nem ergueu os olhos. Ele permanecia calmo, com os dedos batendo ritmicamente no copo, sua mente absorta na negociação que estava por vir. Ele recitava mentalmente os pontos que pretendia abordar, calculando cada palavra que diria. Jogos ilegais e drogas. Era um território arriscado, mas com Clemenza e seu contato, as portas certas poderiam ser abertas.

— Não fale besteira, Packie — disse Joe, ainda rindo. — Você sabe que Renzo já não precisa mais dele como antes.

— Silêncio. — A voz de Renzo cortou o ar, baixa, mas carregada de autoridade. Ambos se calaram instantaneamente.

Então, ele viu. Pela janela que dava para a entrada do cassino, um carro preto estacionou lentamente. Luciano Clemenza saiu primeiro, seu terno impecável e sua postura de comando inconfundíveis. Atrás dele, um homem mais baixo, mas robusto, de cabelos castanhos claros penteados para trás, vestindo um terno cinza de corte fino. Havia algo naquele homem que imediatamente congelou Renzo no lugar.

Era Baruch Goldstein.

O nome não precisava ser dito. Renzo reconheceu o rosto. O mesmo rosto que estava gravado em sua memória como uma cicatriz. Ele podia sentir o sangue esquentando em suas veias, mas permaneceu imóvel, os olhos fixos enquanto Clemenza e Goldstein subiam as escadas.

Packie e Joe notaram a mudança no semblante de Renzo. Era raro vê-lo perder sua expressão de controle absoluto. Eles trocaram olhares, inquietos, mas não disseram nada. A porta se abriu, e Luciano entrou com um sorriso calculado.

— Desculpem o atraso, cavalheiros. — Ele gesticulou para Baruch, que entrou logo atrás.

— Este é Baruch Goldstein, de Five Points. Ele tem experiência no que estamos tentando fazer aqui.

Baruch, com sua presença intimidadora, caminhou até a mesa. Seus olhos escanearam o ambiente antes de pousarem em Renzo.

— Então, você é o tal garoto que eu tenho ouvido tanto falar — disse Baruch, com uma voz rouca e carregada de desdém. — Mas por que me olha assim, garoto? Está me encarando como se quisesse arrancar meu coração.

Renzo não respondeu imediatamente. Ele manteve o olhar fixo, frio, como uma estátua. Quando finalmente falou, sua voz era calma, mas carregada de algo que nem mesmo Clemenza conseguia definir.

— Não me leve a mal, senhor Goldstein. — Ele se levantou, estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Sou apenas cuidadoso com quem entra no meu território. Renzo... Renzo Pegorino.

O nome falso pegou Packie e Joe de surpresa. Eles trocaram um olhar rápido, mas não disseram nada. Ambos sabiam que Renzo não fazia nada sem um propósito.

Baruch apertou sua mão, um aperto firme e calculado, mas não sem deixar sua própria ameaça implícita.

— Pegorino, hein? Interessante. Espero que o nome combine com a coragem. Porque, se me olhar assim de novo, garoto, eu arranco a sua orelha.

Renzo não esboçou nenhuma reação. Apenas segurou o olhar de Baruch por mais um momento antes de se sentar novamente.

Clemenza, que observava tudo com a paciência de quem sabia como a tensão era útil em uma negociação, finalmente interveio.

— Vamos deixar as apresentações de lado. — Ele puxou uma cadeira e sentou-se, indicando para que Baruch fizesse o mesmo. — Estamos aqui para falar de negócios, e negócios exigem foco.

Enquanto Luciano começava a delinear os termos da parceria, Renzo recuava para sua postura usual de controle. O ódio que sentia por Baruch ainda queimava, mas ele sabia que precisava jogar o jogo. Não era apenas uma questão de poder agora; era uma questão de estratégia.

E naquele momento, enquanto Baruch Goldstein falava sobre jogos ilegais e rotas de distribuição, Renzo sabia que estava mais próximo do que nunca de algo maior. Ele também sabia que, no devido tempo, Baruch pagaria por cada dívida passada. Mas não agora.

A negociação ocorreu bem, com Renzo sempre se mantendo um passo à frente, e com Clemenz sempre o guiando por caminhos mais lucrativos, fecharam um acordo com o Goldstein.

Após a negociação se encerrar, Baruch se levantou primeiro, ajeitando o paletó com uma expressão de desdém, enquanto olhava brevemente para Renzo.

— Negócio fechado, *Don Pegorino*. Veremos se suas promessas se concretizam. — Ele se virou para Clemenza, balançando a cabeça em aprovação. — Boa escolha, Luciano. Ele tem potencial.

Packie e Joe trocaram olhares novamente, ainda tentando entender o nome falso que Renzo havia usado. Apesar da confusão, eles acompanharam Baruch até a saída, sempre atentos, mas também estranhamente silenciosos, deixando Renzo e Clemenza sozinhos no salão.

Luciano permaneceu sentado, observando Renzo com um olhar analítico. Ele acendeu um cigarro calmamente, como se não tivesse notado o peso na atmosfera.

— Você quer me dizer o que foi isso, garoto? — Clemenza finalmente perguntou, soprando a fumaça com um tom quase paternal.

Renzo, ainda sentado, permaneceu em silêncio. Seu olhar estava fixo na porta por onde Baruch havia saído. Seus dedos tocavam levemente a borda do copo de vinho, enquanto ele lutava para manter a calma.

— Quatro anos te observando, Renzo. Quatro anos vendo você transformar aquele coração jovem em pedra. Mas hoje... — Clemenza parou, inclinando-se um pouco para frente. — Hoje, vi algo que não reconheci.

Renzo fechou os olhos por um momento, respirando fundo. Quando voltou a abri-los, havia uma lágrima descendo lentamente pelo rosto, mas sua expressão permanecia fria, dura como mármore.

— Esse foi o desgraçado... — Ele começou, sua voz grave, quase falhando. Seus dentes rangiam enquanto ele falava, a mandíbula tão tensa que parecia prestes a se partir. — ...que arruinou minha vida.

Clemenza estreitou os olhos, não dizendo nada, mas deixando Renzo continuar.

— Ele matou minha família. — As palavras saíram num sussurro carregado de ódio, tão profundo que parecia cortar o silêncio do salão. Renzo cerrou os punhos, mas seu corpo continuava imóvel.

Clemenza apagou o cigarro no cinzeiro, olhando para Renzo com algo entre respeito e pena. Ele sabia que o ódio era combustível poderoso, mas também sabia o quanto ele corroía por dentro.

— Eu vou te dizer algo, garoto — disse Clemenza, levantando-se e ajustando seu paletó.

— Se você realmente quer ser grande, terá que aprender a domar esse fogo. Ou ele vai te consumir.

Renzo não respondeu, apenas inclinou levemente a cabeça, mantendo seus olhos fixos no vazio. Clemenza deu um passo em direção à porta, mas parou antes de sair.

— Cuidado com o que você planeja fazer, *Don Pegorino*. Às vezes, a vingança é só outra forma de entregar o controle ao inimigo.

E com isso, Clemenza saiu, deixando Renzo sozinho no salão. Ele finalmente soltou um longo suspiro, encostando-se na cadeira, mas o ódio ainda queimava dentro dele, incontrolável e implacável. Ele sabia que sua batalha com Baruch estava apenas começando. E, dessa vez, ele não erraria.

## — Capítulo Onze —

### Don Renzo Pegorino

O pequeno apartamento em que Renzo, Packie e Joe viviam não parecia um lugar de poder. Era um espaço modesto, com paredes descascadas e um cheiro persistente de tabaco misturado com o café barato que Joe insistia em fazer toda manhã. Mas, para aqueles que vinham ali, aquele lugar tinha um significado. Era onde o *Don* resolvia problemas.

Renzo estava sentado em uma poltrona gasta, o couro rachado expondo o enchimento em algumas partes. Ele vestia uma camisa branca bem passada, as mangas dobradas até os cotovelos, revelando os antebraços finos, mas firmes. Um cigarro descansava entre seus dedos, quase esquecido enquanto ele observava a fila de pessoas que se formava do lado de fora da porta do apartamento.

Joe, sempre com um sorriso debochado, espiava pela janela para contar quantos estavam esperando.

— O que é isso, Renzo? Uma padaria? — ele brincou, enquanto jogava uma carta na mesa de madeira improvisada onde ele e Packie jogavam um interminável jogo de pôquer.

Packie riu baixo, mas não tirou os olhos das cartas. — Mais parece um confessionário. Só falta você usar um terço, *Don*.

Renzo deu um meio sorriso, apagando o cigarro com calma no cinzeiro abarrotado. — Melhor um confessionário do que um tribunal, não acha?

Joe soltou uma gargalhada, mas logo calou-se quando a porta abriu e o primeiro visitante entrou. Um homem magro, de meia-idade, com um chapéu nas mãos, parecia nervoso enquanto se aproximava. Renzo inclinou-se na cadeira, gesticulando para que ele se sentasse.

— Diga-me o que você precisa, meu amigo. — A voz de Renzo era baixa, quase um sussurro, mas carregava uma autoridade inconfundível.

O homem começou a explicar, tropeçando nas palavras. Ele era dono de uma pequena mercearia no bairro, e um grupo de ladrões estava exigindo dinheiro para "proteção". Ele não podia pagar.

Renzo ouviu em silêncio, os olhos fixos no homem, como se estivesse estudando cada palavra, cada gesto. Quando o homem terminou, Renzo acendeu outro cigarro, expirando a fumaça devagar antes de falar.

— Você é um homem trabalhador. Não é certo que alguém como você tenha que viver com medo. — Ele fez uma pausa, olhando para Packie, que já estava prestando atenção.

— Packie, veja com quem ele está lidando. Garanta que não voltem a incomodá-lo.

O homem gaguejou um agradecimento, mas Renzo levantou a mão, interrompendo-o.

— Não é necessário agradecer. Apenas lembre-se de que, no futuro, se eu precisar de algo... — Ele deixou as palavras no ar, mas o homem entendeu. Ele assentiu rapidamente, apertando a mão de Renzo antes de sair.

Packie levantou-se, já pegando o casaco. — Sempre me manda pra diversão, hein, chefe?

— Você é quem faz as coisas parecerem divertidas, Packie, não eu.

E assim seguiu o dia. Uma mulher veio pedir ajuda para encontrar o marido desaparecido. Renzo prometeu procurar. Um jovem chegou com olhos cheios de lágrimas, explicando

que precisava de dinheiro para salvar a mãe doente. Renzo tirou uma pequena quantia de um envelope em sua gaveta e entregou ao rapaz.

Joe, observando tudo, finalmente falou quando o último visitante saiu.

— Você vai se ferrar se continuar assim, Renzo. Esses favores... são buracos sem fundo.

Renzo apagou o cigarro e ficou em silêncio por um momento, antes de olhar para Joe.

— Favores, Joe, são como sementes. Plante-as, e elas crescem. Um dia, essas pessoas vão se lembrar de quem as ajudou quando ninguém mais o fez.

Joe revirou os olhos, mas Packie, que voltava do "trabalho" com a camisa ainda amassada, sorriu.

— Ele tem razão, Joe. Essas sementes vão nos fazer grandes.

Renzo apenas sorriu para Packie, acendendo mais um cigarro. Ele sabia que a construção de respeito e poder era lenta, mas firme. E ele também sabia que, ao contrário do apartamento pequeno em que viviam, sua ambição era algo que nunca teria limites.

O bairro onde Renzo havia construído sua reputação ficava em algum lugar entre a decadência e a tentativa de prosperidade. As ruas eram pavimentadas, mas com rachaduras; os prédios de tijolos vermelhos estavam enegrecidos pelo tempo, mas ainda firmes. Havia barbearias de esquina, mercearias familiares e pequenos restaurantes italianos, judeus e irlandeses, todos disputando espaço em ruas movimentadas. Esse era o território de Renzo.

No apartamento pequeno, com as cortinas sempre meio fechadas e um aroma constante de café amargo, Renzo estava sentado à mesa, um jogo de cartas esquecido à frente. Packie e Joe estavam em silêncio, algo raro, quando a porta se abriu devagar. Um homem bem-vestido entrou, acompanhado por um jovem assistente. Ele vestia um terno azul-escuro impecável, a gravata levemente frouxa no pescoço grosso. Era Vincent Roselli, um político local.

— Don Pegorino. — Roselli começou com um tom respeitoso, apesar de parecer estranho chamá-lo de *Don*, dado que Renzo tinha apenas 21 anos. — Espero não estar incomodando.

Renzo, com a calma de quem tinha décadas de experiência, levantou os olhos e fez um gesto para que o homem se sentasse.

— Não há incômodo, senhor Roselli. Por favor, tome um assento.

Roselli sentou-se à mesa, olhando ao redor do apartamento modesto. Ele parecia desconfortável, como se estivesse longe demais de seu escritório elegante no centro da cidade. Renzo cruzou as mãos sobre a mesa, o rosto sério e os olhos fixos no político.

— Diga-me, senhor Roselli, o que posso fazer pelo senhor?

O político limpou a garganta e inclinou-se para a frente.

— Renzo, todos conhecem sua... influência por aqui. — Ele escolhia cuidadosamente as palavras. — Eu tenho um problema. Alguns homens do sindicato estão causando problemas para mim. Tentando atrapalhar minha campanha de reeleição. Eles têm poder, mas... você tem respeito neste bairro. Eu preciso da sua ajuda para lidar com isso.

Packie, encostado na parede, soltou um assobio baixo, mas não disse nada. Joe apenas ergueu uma sobrancelha, observando Renzo.

Renzo permaneceu imóvel por um momento, acendendo um cigarro com cuidado. Ele deu uma tragada longa antes de falar, a voz calma e controlada.

— Senhor Roselli, você está pedindo algo que exige... delicadeza. — Ele fez uma pausa, soltando a fumaça lentamente. — Mas me diga, o que eu ganharia ajudando o senhor?

Roselli piscou, claramente surpreso pela ousadia do jovem. Ele ajustou a gravata, tentando recuperar o controle.



— Eu sou um homem com conexões. Posso garantir que você e seus... amigos... tenham certos privilégios. Certos negócios podem ser ignorados pelas autoridades, se é que me entende.

Renzo inclinou-se um pouco para frente, os olhos nunca desviando dos de Roselli.

— Não estamos falando de privilégios, senhor Roselli. Estamos falando de respeito. Se eu fizer isso por você, você se lembrará de quem o ajudou. E um dia, pode ser que eu peça algo em troca. Quando esse dia chegar, espero que você esteja disposto a me ouvir.

O político hesitou, mas finalmente assentiu.

— Claro, Renzo. Você tem minha palavra.

Renzo levantou-se, estendendo a mão. Roselli apertou-a com relutância, como se estivesse assinando um pacto invisível.

— Packie. — Renzo chamou sem desviar os olhos de Roselli. — Cuide disso. Certifique-se de que seja rápido e... limpo.

Packie sorriu, acenando com a cabeça.

— Pode deixar, chefe — disse num tom cômico, zombando do amigo.

Quando Roselli e seu assistente saíram, Joe finalmente falou, rindo baixo.

— Você está brincando com fogo, Renzo. Um político? Sabe como isso pode terminar.

Renzo deu de ombros, apagando o cigarro no cinzeiro.

— Fogo, Joe, é exatamente o que precisamos para ascender. E lembre-se... — Ele olhou para os dois, o olhar frio e calculado. — No final, todos precisam de favores.

Joe e Packie se entreolharam, e o silêncio reinou enquanto Renzo pegava outro cigarro e observava pela janela. Do lado de fora, o bairro seguia em sua rotina, mas Renzo sabia que, pouco a pouco, ele estava se tornando mais do que um nome conhecido. Estava se tornando o homem que todos respeitavam — ou temiam.

Horas se passaram após a visita de Roselli. A luz do sol foi substituída pelas sombras da noite, que transformavam o bairro em um cenário sombrio, mas vivo. Lojas fechando, bares abrindo. Crianças corriam pelas ruas estreitas, enquanto homens conversavam em vozes baixas nas esquinas. Renzo estava sentado à mesa do apartamento, agora vazio, exceto por Joe e Packie.

A atmosfera era pesada, cheia de expectativa. Packie estava mexendo em um punhado de fichas de pôquer na mesa, enquanto Joe, de braços cruzados, encostava-se na janela aberta, olhando para fora.

— Esse político... — começou Packie, quebrando o silêncio. — Ele parece desesperado. Gente desesperada é imprevisível.

— E útil, — respondeu Renzo sem levantar os olhos do copo de vinho tinto que girava entre os dedos. Sua voz era baixa, mas carregada de convicção. — Um homem como ele, quando está encurralado, faz o que você manda. E quando ele ganhar, ele vai lembrar quem o ajudou.

Joe virou-se da janela, encarando Renzo.

— Ou ele nos esquece. Já vimos isso antes, Renzo. Gente que promete o mundo e depois se vira contra nós quando se sente segura.

Renzo finalmente olhou para Joe, os olhos escuros e fixos, como se estivesse analisando a alma do homem.

— Se ele esquecer, Joe, nós o faremos lembrar.

O silêncio voltou a reinar, apenas o som suave das fichas na mão de Packie preenchendo o espaço. Finalmente, Joe assentiu, reconhecendo a determinação de Renzo.

Um batida na porta interrompeu o momento. Era firme, mas controlada, como alguém que sabia onde estava e quem era o dono do lugar. Packie levantou-se para atender, mas Renzo fez um gesto com a mão para que ele parasse.

— Deixe-me.

Renzo caminhou até a porta e abriu com calma. Do outro lado, estava um homem de meia-idade, vestindo um terno marrom desgastado. Seu rosto era marcado por rugas e um bigode grosso, típico dos homens de trabalho do bairro. Ele segurava o chapéu nas mãos, apertando-o nervosamente.

— Don Pegorino, — disse o homem, com uma voz trêmula, mas respeitosa. — Preciso de sua ajuda.

Renzo analisou o homem por um momento antes de abrir a porta completamente e dar um passo para o lado.

— Entre, senhor. Fale comigo.

O homem entrou, hesitante, olhando para Packie e Joe, que o observavam como predadores avaliando sua presa. Renzo gesticulou para uma cadeira.

— Sente-se.

O homem sentou-se, segurando o chapéu no colo, enquanto Renzo retornava à sua cadeira, olhando para ele com paciência.

— Qual é o problema? — perguntou Renzo, com a voz calma e firme.

— Meu filho... — começou o homem, a voz falhando. Ele limpou a garganta e continuou.

— Ele se meteu com umas pessoas erradas. Devia dinheiro no bar do Jones e não conseguiu pagar. Eles o pegaram... e disseram que, se eu não pagar até amanhã à noite, vão machucá-lo.

Renzo observou o homem, seu rosto sem emoção. Ele pegou o cigarro que estava no cinzeiro e o acendeu, dando uma tragada antes de falar.

— Quanto ele deve?

— Duzentos dólares, senhor. — O homem abaixou a cabeça, envergonhado.

Renzo assentiu lentamente, soltando a fumaça no ar.

— Eu ajudarei você. Mas preciso que entenda algo. — Ele inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Esse favor não é de graça. Um dia, eu chamarei por você, e espero que esteja pronto para retribuir.

O homem levantou a cabeça rapidamente, seus olhos arregalados.

— Qualquer coisa, Don Pegorino. Eu farei o que for necessário.

Renzo recostou-se na cadeira, satisfeito.

— Joe, vá até o Jones amanhã de manhã e resolva isso. Deixe claro que o garoto não deve mais nada.

— Pode deixar, amigo, — respondeu Joe com um sorriso torto.

Renzo levantou-se e colocou a mão no ombro do homem.

— Vá para casa, senhor. Cuide do seu filho.

O homem levantou-se e apertou a mão de Renzo com força, a gratidão evidente em seu rosto.

— Obrigado, Don Pegorino. Que Deus o abençoe.

Quando o homem saiu, Packie riu e balançou a cabeça.

— Você é mesmo o padrinho deste bairro agora, Renzo.

Renzo não respondeu. Ele voltou para sua cadeira, pegou o copo de vinho e olhou para a rua pela janela aberta.

— Não sou padrinho de ninguém, Packie. Ainda não.

Mas, no fundo, ele sabia que o bairro já era seu, e que, passo a passo, ele estava se tornando algo maior do que jamais poderia ter imaginado.